

NOVEMBER 2018

URBAN AGRICULTURE MAGAZINE

UA
35



A Juventude na Alimentação Oportunidades para educação e emprego

www.ruaf.org



Fotos: Rikolto, SAKALA, Mandel & Sesam, Urban Growers Collective Chicago, Ronian Jabon, Camp Green Uganda e Airin Stephens of Roots to Harvest.



Revista de Agricultura Urbana nº. 35 - Outubro de 2018

A Juventude na Alimentação

3	Juventude, emprego e migração: oportunidades urbanas com um foco na África
6	Editorial - A juventude na alimentação: oportunidades de educação e emprego
10	A relação eclética entre empregos, habilidades e migração juvenil
12	Mali e Libéria: Empregos para jovens por meio do desenvolvimento de negócios e da educação
17	Mali: Oportunidades econômicas para os jovens e migrantes retornados
18	Toronto, Canadá: Usando a alimentação como ferramenta para fixar, integrar e empregar
23	Oslo, Noruega: Utilizando plantios em telhados para ensinar habilidades profissionais
28	Uganda: O esforço de uma mulher para treinar agricultores urbanos
30	O Centro Kyania de Recursos em Agricultura Urbana, em Kampala, Uganda
31	Haiti: A horta que tornou “verde” uma zona “vermelha”
34	Catbalogan, Filipinas: O Centro de “Agroempreendedores” de Samar
36	Chicago, EUA: “Alfabetização” em alimentação e agricultura
40	Ontário, Canadá: Fortalecendo as comunidades e criando empregos com a agricultura urbana
44	Tanzânia, Peru e Indonésia: Empoderando o potencial dos jovens para mudanças
48	Quito, Equador: Agricultura urbana e mais empregos para os jovens
52	Brasil: Preparando os jovens para um futuro desafiador
56	China e Nepal: Migração juvenil e oportunidades para a agricultura periurbana
61	Kenema, Serra Leoa: Cultivando jovens agricultores
65	Brasil: Valorizando a decisão da juventude rural para manter uma produção tradicional
69	Ruanda, Tanzânia e Uganda: Cooperativas - um futuro para a juventude na agricultura?
73	Com fome por mais? Mais recursos sobre agricultura urbana

Juventude, emprego e migração: oportunidades urbanas com um foco na África

Ton Dietz

Demograficamente, a África tornou-se a grande exceção. Numa escala continental, a Ásia, a Oceania e a América Latina – igualmente à Europa e à América do Norte antes delas – alcançaram a estabilidade demográfica entre 2000 e 2015. As taxas médias de fertilidade nesses continentes mergulharam de cinco a seis crianças por mulher nos anos 1960s para cerca de duas nos anos recentes, e na Europa essa taxa é consideravelmente menor. A África também está experimentando um processo de transição demográfica, mais ainda existem grandes diferenças: o continente começou com uma taxa muito alta (mais de sete crianças por mulher nas décadas de 1960 e 1970), e o ritmo dessa redução é muito menor do que, por exemplo, na Ásia. Atualmente, as taxas de fertilidade na África com um todo ainda giram em mais de quatro crianças por mulher, e os demógrafos da ONU acreditam que o continente não alcançará a estabilidade demográfica antes de 2100.

Numa escala global, as consequências parecem óbvias: o peso demográfico da África vai aumentar notavelmente (para cerca de 40% da população mundial em 2100), conforme sua população cresça dos atuais 1,3 bilhões de pessoas para aproximadamente quatro bilhões no final do primeiro século do terceiro milênio. A população africana é e permanecerá bastante jovem.

O projeto CityVeg apoia a venda direta pelos jovens produtores em Accra. Foto: IWMI



A idade média será de 20 anos pelos próximos anos, e haverá uma mudança gradual de uma pirâmide demográfica (com uma ampla base) para uma composição populacional na qual o segmento de 15 a 35anos será predominar, embora isso não deva ocorrer antes de 2050. Grandes diferenças naturalmente estão presentes na África: por exemplo, a África do Sul, o norte da África e, mais recentemente, o Quênia, já alcançaram a estabilidade demográfica ou estão prestes a alcançá-la, enquanto que as taxas mais altas de fertilidade estão num cinturão que vai do Mali (via Níver) e o norte da Nigéria até a África central e a Etiópia.

Existe uma forte correlação entre as altas taxas de fertilidade e a pouca participação das mulheres na educação, e entre as taxas de menor urbanização e as de maior fertilidade. Desde aproximadamente o ano 2000, a África experimentou três “revoluções” adicionais (como aquelas ocorridas em outras partes do mundo): crescimento econômico relativamente rápido (em alguns anos esse crescimento na África como um todo foi até mais alto do que na Ásia como um todo), aumento relativamente grande da participação das populações na educação e num sistema de saúde mais eficiente (processo estimulado em parte pelos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio) e, atualmente, o rápido aumento no uso de celulares bem como na utilização da internet.

Como resultado, as aspirações dos jovens têm crescido, e muitos jovens africanos rurais frequentaram escolas urbanizadas (perto ou longe de suas casas) e estão tentando conseguir empregos nas cidades em rápido processo de expansão. A expansão urbana, em termos absolutos e relativos tem sido impressionante e, em breve, a população urbana na África será maior do que a rural. Em 1960, o continente tinha uma taxa de urbanização de 20%, com 65 milhões de pessoas vivendo em cidades. Atualmente, a taxa de urbanização já atinge entre 40 e 45%, com cerca de 500 milhões de habitantes urbanos, e prevê-se que eles superarão 1,2 bilhão em 2050. As populações urbanas precisam de alimentos, habitação, água, energia, vestuário e muitas outras coisas.

Já ficou claro que as áreas urbanizadas no interior dos países estão sendo revolucionadas para deixarem de ser economias agrícolas autossuficientes, com enclaves de mineração e de agricultura para exportação para o mercado mundial (enfrentando uma mudança recente, com o novo interesse da Europa e da América do Norte pela Ásia), e se tornarem áreas de produção comercial de uma série de produtos e serviços demandados pela população urbana.

Embora o abastecimento rural para a demanda urbana seja principalmente um assunto intranacional, a crescimento das áreas urbanizadas pode alcançar os países vizinhos; em algumas regiões, as áreas urbanizadas estão se tornando megacidades, com algumas cruzando fronteiras. A conurbação Kinshasa-Brazzaville concentra atualmente mais de 13 milhões de pessoas. Lagos, já com mais de 20 milhões de habitantes, está se tornando parte de um grande cinturão urbanizado na costa atlântica africana, de Abidjan até Lagos, onde deverá haver mais de 150 milhões de pessoas por volta de 2050.

Os jovens africanos estão se mudando. Aspirações crescentes combinam-se a maiores capacidades (individualmente e como um resultado dos investimentos das famílias) e estimulam a migração do campo para as pequenas, médias e imensas cidades. Os jovens também se movem dentro das cidades, tentando escapar dos bairros mais precários e arriscados e se mudarem para ambientes mais organizados e bem protegidos. Com maiores recursos financeiros, conforme revelam os dados sobre migração internacional, a porcentagem de africanos migrando para fora do país está aumentando, e cerca de metade deles indo para países vizinhos e os demais para destinos mais longínquos. Dentro da África, é notável a migração em direção da África do Sul. A migração intercontinental tem aumentado, sendo a Europa o destino preferido, embora a Ásia venha ganhando importância como destino dos emigrantes africanos. Atualmente, a migração intercontinental a partir da África como um todo está na faixa de 1% de sua população por ano. Com o aumento da riqueza, essa taxa poderá crescer e alcançar a média de migrações intercontinentais: entre dois e três por cento. Em números absolutos, é uma mudança de 12 milhões de africanos que migram anualmente para mais de 50 milhões em 2050. Em termos relativos, porém, a migração da juventude no interior do continente africano é e permanecerá sendo muito mais significativa.

Embora a migração de jovens em suas várias formas coloque muitos desafios, provou ter também várias vantagens. Os imigrantes investem em seus novos ambientes, e trazem consigo muitas ideias novas. Por todos os lados estamos vendo a hibridização de estilos de vida, padrões de consumo e novas iniciativas de produção e serviços. Os migrantes também influenciam suas áreas de origem, rurais ou urbanas, e investem nas oportunidades que veem em suas “terras natais”, em agricultura, serviços ou indústrias nos pequenos centros urbanos perto das áreas rurais de onde provêm. Para muitos, a agricultura urbana e periurbana é uma atividade que vale a pena tentar, em suas regiões natais bem como no novo ambiente urbano. Essa forma de agricultura pode ser feita para consumo doméstico das famílias, mas também como empreendimento mais comercial, particularmente com produtos de maior valor, como frangos, ovos, leite, carne e muitos tipos de hortaliças e frutas.

Alguns desses produtos também abastecem os setores agroindustrial e de agro-serviços, oferecendo oportunidades para empreendedores e trabalhadores jovens e mais velhos. Os supermercados, as lojas de conveniência, os restaurantes e lanchonetes de *fast-food*, os bares que servem refeições, aumentam em número nas cidades africanas, e oferecem muitas oportunidades de emprego, renda e empreendedorismo, inclusive para as mulheres.

Os aspectos negativos também são visíveis, e em muitas cidades a obesidade torna-se um problema de saúde mais sério do que a fome. E mesmo com o aumento notável da oferta de empregos urbanos para os jovens africanos, o número de quem procura ocupação e renda (e uma vida melhor) está aumentando tão rapidamente que a criação de postos de trabalho urbano jamais será suficiente.

Essa situação continuará estimulando muitos jovens africanos a irem tentar a sorte em outro país, mesmo que faltem a muitos deles os meios financeiros e sociais para fazê-lo efetivamente. Some-se a isso os prováveis efeitos diretos e indiretos da mudança climática....



Ton Dietz
African Studies Centre Leiden
a.j.dietz@asc.leidenuniv.nl

Sugestão para novas leituras

[Africa in the 21st century](#)

[Africa population dynamics](#)

[Africa: international migration, emigration 2015](#)

[Africa's international trade 2001-2016: boom and bust](#)

[Agricultural consumption and production, 1961-2009](#)

A juventude na alimentação: oportunidades de educação e emprego

Alison Blay-Palmer
René van Veenhuizen e

A migração é um desafio globalmente compartilhado, instigado pelo rápido crescimento das populações das pequenas e grandes cidades da África e do sudeste asiático, combinado com a mobilidade facilitada e as novas tecnologias. Muitos países têm uma pirâmide populacional com uma base pesada; Serra Leoa é um exemplo extremo, com cerca de 80% da população (2015) com menos de 35 anos de idade, e aproximadamente 40% com menos de 15 (página 61). Young e Rodriguez relatam nesta edição um total de 1,8 bilhão de pessoas com idade entre 10 e 24 anos, sendo os jovens a maioria das populações nas cidades do Sul global.

Os jovens estão se movendo: das áreas rurais para as cidades, dentro dos seus países, entre países vizinhos, e globalmente, conforme buscam uma vida melhor (ver artigo de Dietz na página 3). O que eles estão deixando para trás inclui a agricultura – um meio de vida geralmente estigmatizado como atrasado e pouco lucrativo. As cidades e os empregos urbanos, por outro lado, são vistos como mais efetivos, oferecendo mais oportunidades para progredir. Porém a realidade é frequentemente diferente, pois nas cidades a vida é mais cara, a alimentação e a moradia são de qualidade sofrível, o acesso à água tratada e ao saneamento não é garantido, a segurança pessoal pode ser um desafio, e não existem oportunidades de trabalho com remuneração satisfatória para muitos, especialmente para os jovens e as mulheres.

Esta edição da Revista de Agricultura Urbana explora os desafios e soluções geradas por essa pressão migratória, com foco na empregabilidade dos jovens nos sistemas alimentares urbano-regionais. Os artigos cobrem o Brasil, Canadá, China, Indonésia, Libéria, Mali, Nepal, Peru, Filipinas, Ruanda, Serra Leoa, Tanzânia, Uganda e os Estados Unidos, desde cidades pequenas até megalópoles, e os espaços urbanos, periurbanos e rurais. Essa coleção de experiências explora oportunidades e barreiras para se empregarem os jovens ao longo de todo o sistema alimentar.

Tradicionalmente, as discussões focam quase sempre no desenvolvimento da agricultura e das cadeias de valor dos alimentos nas áreas rurais, visando estimular a fixação dos jovens no campo. Essa não é apenas uma visão limitada da natureza da migração e do potencial da agricultura rural, ela também desconsidera as oportunidades dos sistemas alimentares urbano-regionais das cidades, das grandes e especialmente das pequenas.

As agriculturas urbana, periurbana e rural, como partes de sistemas mais amplos, oferecem soluções locais, baseadas na prática, para problemas comuns diante da globalização. O trabalho na produção de comida e nos sistemas alimentares oferece possibilidades de meio de vida com diversos benefícios, incluindo uma vida com mais significado e autoestima elevada, e maior segurança pessoal e alimentar por meio do acesso a emprego e alimentação para os jovens, que frequentemente estão desempregados ou subempregados, enfrentando os desafios das drogas, da violência e da gravidez precoce.

Num estudo para a Food and Business Knowledge Platform (F&BKP) (2017), a Fundação RUAF demonstrou o crescente reconhecimento do papel da alimentação na resposta a várias preocupações ligadas à sustentabilidade urbana, ao oferecer novas oportunidades de envolvimento e geração de renda para o setor privado e outros atores. Por exemplo, foram identificados provedores de serviços de tecnologia de comunicação e incorporadores imobiliários apoiando inovações na produção comercial de alimentos, seja ao ar livre ou em estufas e mesmo em plantios verticais, e na redução e gestão dos resíduos alimentares.

A horticultura e a criação de pequenos animais são pontos de apoio para a alavancagem de mudanças sustentáveis, multifacetadas e circulares, respondendo à necessidade para o treinamento dos jovens e a criação de empregos satisfatórios diante da migração e das pressões crescentes, inclusive a mudança climática.

Esta edição da Revista documenta pessoas e comunidades cultivando alimentos, construindo autossuficiência e segurança alimentar, e criando oportunidades de renda e empoderamento. Entre essas atividades coletivas, destacam-se as cooperativas e organizações de agricultores que podem ajudar produtores e consumidores ao longo da cadeia alimentar, da semente até a mesa e além.

Excelentes exemplos do potencial das cooperativas como plataforma para o treinamento e empregabilidade dos jovens na África estão descritos nos estudos em Ruanda, Tanzânia e Uganda, enfatizando a importância do envolvimento da juventude nas tomadas de decisões e no treinamento de colega-a-colega em geral e, especialmente, na gestão de cooperativas agrícolas (página 69).

E no Haiti o exemplo do centro comunitário que transformou uma área baldia no meio de um bairro estressado num espaço produtivo, criando oportunidades de desenvolvimento comunitário e juvenil ao mesmo tempo (página 31). Ali, como em muitos casos relatados nesta Revista, a agricultura é vista como uma oportunidade pouco exigente e viável para muitos jovens.

Mesmo assim muitos desafios permanecem. Felizmente, como relatado a seguir, eles podem ser superados. Em Ruanda, Tanzânia e Uganda, relações difíceis entre agricultores mais velhos e os jovens foram superadas por meio de mentores (página 69) ou em centros de treinamento de produtores. Também é preciso dar mais atenção à questão da lucratividade, que depende em parte de como a comida é valorizada localmente. Se a maior disponibilidade do alimento e a saúde beneficiada em razão de uma nutrição melhorada e de sistemas tradicionais (p.ex., erva-mate no Brasil, página 65, e *muña* no Peru, página 44) for considerada, e se a definição de “valor” for ampliada para uma visão de “economia social”, então o trabalho na agricultura e ao longo da cadeia alimentar pode ser visto sob um novo ângulo pelos jovens, e reconhecido como uma função vital da sociedade.

Para confrontar as percepções e realidades mais comuns sobre a agricultura – incluindo o seu estigma de ser algo atrasado e pouco lucrativo – os jovens são capacitados para valorizar os alimentos tradicionais e saber como o seu cultivo impacta positivamente os centros urbanos (página 65).

Podemos ver, então, que a produção de comida precisa ser vista como parte de um sistema alimentar maior que conecta os espaços urbanos e rurais. Reforçar esses sistemas alimentares urbano-regionais é um ponto de entrada estratégico e efetivo para alcançar maior segurança alimentar e inclusão social, mais oportunidades de emprego e melhor gestão dos recursos naturais e dos serviços ecossistêmicos (ver edições anteriores da Revista). O projeto Roots to Harvest, no norte de Ontário, Canadá, é um grande exemplo de empoderamento da juventude, fortalecimento da confiança e capacitação por meio da alimentação e da agricultura, envolvendo jovens nativos e imigrantes e usando uma abordagem pessoal integral.

O programa capacita o aprendizado de habilidades e lições valiosas para toda a vida e para encontrar emprego e estimular o empreendedorismo nos setores da produção e comércio de alimentos ou em qualquer outro (página 40).

A necessidade de se investir na juventude, fornecer recursos para desenvolver programas, e tornar terras e créditos acessíveis também é generalizada e urgente. Vias de transporte também são necessárias para conectar os espaços rurais, periurbanos e urbanos, e viabilizar o acesso aos mercados. Ilustrado por experiências na Libéria e no Mali, o artigo de Van Soelen e Van Hoolwerff (página 12) revela como iniciar um negócio e se tornar um empreendedor, e identifica projetos específicos para seus contextos com alto potencial para serem bem-sucedidos. O artigo explora o que é necessário e os tipos de apoio de que os jovens empreendedores precisam. Na página 10, F&BKP também relata experiências que enfatizam a necessidade de educação, treinamento e orientação dos jovens empreendedores, além de lhes fornecer acesso a financiamento e infraestrutura.



*Produção de frango na Escola Agroindustrial de Catbalogan.
Foto: Ronian Jabon*

Os programas de treinamento, tais como Community Food Works for Newcomer Settlement, em Toronto recorre à alimentação como uma ferramenta para desenvolver as comunidades, a integração e o emprego (página 18). Ao documentar as inter-relações entre desemprego, baixa renda, insegurança alimentar e saúde em risco, o programa em Toronto oferece um exemplo perfeito de como treinamento e certificação ajudam os imigrantes a acharem empregos satisfatórios. Mostra que o setor alimentar é parte da solução e é igualmente relevante para os jovens migrantes (ver também o artigo sobre a Noruega, página 23).

Champions (?) desempenham papel fundamental para elevar as potencialidades dos jovens. Nas Filipinas, um Superintendente da Divisão Escolar implementou a iniciativa de treinamento dos jovens agroempreendedores com cursos práticos focados na produção e comercialização de hortaliças e pequenos animais (página 34). Em Uganda, Nakabaale voluntários viabilizam um programa de treinamento agrícola em Camp Green (página 28), também apoiado por políticas e serviços de extensão oferecidos pela prefeitura de Kampala. Em Chicago, Erica Allen lidera (página 36) iniciativas urbanas de alimentação que empoderam os jovens e oferecem motivação e treinamento para criar oportunidades em ambientes urbanos difíceis.

Essas iniciativas causam impactos reais, seja na forma de empregos para os jovens, para ex-presidiários e para os novos agricultores por meio de treinamento, seja na de acesso a uma alimentação mais saudável por meio de mercados móveis, programas de nutrição escolar e educação alimentar pública. Todas produzem resultados notáveis – mesmo assim depender de um campeão (?) pode tornar precários, no longo prazo, os processos que eles iniciaram.

Políticas públicas são necessárias para apoiar várias formas de agricultura de modo que a terra seja disponível e protegida para a produção de alimentos (página 56). Uma consulta da FAO (ver Recursos adicionais, página 73) apontou a necessidade de inovações apropriadas bem como a conscientização de que o sistema alimentar inclui não apenas o cultivo, mas também o processamento, a distribuição, a comercialização e a gestão dos resíduos.

As políticas e os programas também precisam viabilizar a facilitação, o treinamento e o compartilhamento do conhecimento de modo a permitir o ingresso dos jovens no setor alimentar. O trabalho em Quito enfatizou que os formuladores de políticas precisam entender os jovens como um grupo heterogêneo que enfrenta diferentes tipos de desafios, com necessidades diversificadas (Young e Rodriguez, página 48).

Juntas, essas oportunidades podem ser os canais para importantes transformações.

Os artigos destacam a importância de valorizar a contribuição da juventude nos processos para criar espaços onde os jovens possam liderar e participar ativamente, e assumir riscos suficientemente informados.

Como uma pessoa entrevistada para o artigo sobre Serra Leoa declarou, “Graças ao meu novo trabalho como jovem agricultor urbano, minha dignidade foi restaurada e agora eu tenho um futuro”.

Alison Blay-Palmer Laurier

Centre for Sustainable Food Systems

ablaypalmer@wlu.ca

René van Veenhuizen e Femke Hoekstra

RUAF Foundation

info@ruaf.org

A relação eclética entre empregos, habilidades e migração juvenil

Babs Ates

Como as organizações que trabalham pela melhoria da segurança alimentar por meio de programas de educação e geração de emprego devem relacionar-se com as políticas e programas que visam mitigar a migração (internacional)? Esse foi o tema discutido durante um encontro da comunidade de práticas “Juventude no sistema alimentar” em Utrecht, Holanda.

Vetores da migração de jovens

Cerca de um terço de todos os migrantes internacionais tem entre 15 e 34 anos de idade. O contexto favorável à migração de jovens destaca sempre uma alta taxa de desemprego no país de origem. A falta de trabalho significativo contribui para a frustração que pode levar a insatisfação social e à migração ilegal (sem autorização ou os documentos exigidos pelas normas de imigração).

Os jovens rurais, especialmente, parecem mais propensos a migrarem em resposta à falta de empregos satisfatórios ou de oportunidades de empreendedorismo na agricultura e atividades econômicas relacionadas à área rural – embora a migração da juventude do campo seja muitas vezes temporária ou sazonal, e frequentemente para as áreas urbanas da mesma região. O desenvolvimento de uma agricultura sustentável e, em particular, a criação de empregos significativos podem oferecer oportunidades para abordar vários dos fatores que promovem a migração da juventude.

O paradoxo da migração: o desenvolvimento econômico aumenta as capacidades e as aspirações

É crescentemente reconhecido que as políticas que ajudam os jovens a realizarem o seu potencial podem promover o desenvolvimento econômico. Considera-se que esse desenvolvimento pode prevenir os jovens de migrarem, especialmente para outros países. O paradoxo da migração, porém, reside no fato de o desenvolvimento econômico nos países mais pobres levar primeiramente a um forte aumento na migração doméstica, internacional e intercontinental. Embora a complexidade dos fatores inter-relacionados que conduzem à migração torne muito difícil prever o futuro da dinâmica migratória, as aspirações crescentes associadas à maior capacitação (individualmente e como resultado dos investimentos familiares) têm promovido a migração – como Dietz descreve na página 3.

Maximizando os efeitos positivos e minimizando os negativos da migração no desenvolvimento agrícola

Ao financiarem programas agrícolas, os doadores focam crescentemente na suposta relação entre o emprego para os jovens, sua educação e a redução da migração intercontinental; porém continua difícil demonstrar um efeito direto desses programas na decisão dos potenciais emigrantes. De fato, os programas de educação e emprego para os jovens podem até contribuir para mais migração no futuro, mas no longo prazo pode ajudar a reduzir a emigração involuntária (forçada pelas circunstâncias) e encaminhar os jovens para as formas de migração mais seguras e regularizadas.

O treinamento vocacional e a educação podem conectar os jovens com oportunidades locais; mas só treinar e educar não basta, também são necessárias abordagens integradas que considerem não só o potencial de emprego e negócios, mas também fatores como as relações sociais e a mudança climática.

Além disso, taxas baixas de desemprego não são necessariamente sinal de mais oportunidade de trabalho para os jovens, pois elas podem mascarar as taxas de subemprego e do trabalho informal.

A verdadeira redução da migração involuntária requer um foco na criação de empregos satisfatórios, sendo indispensável para isso um ambiente de políticas públicas e regulamentações apoiadoras.

Colaborações e sinergia entre as várias partes interessadas, combinando programas específicos para a juventude, podem aumentar o sucesso desses esforços.

Por outro lado, a migração também pode ser vista em termos de efeitos positivos. No lugar onde chegam, os migrantes podem agregar um valor extra à força de trabalho, trazendo conjuntos de diferentes habilidades e novos conhecimentos.

Simultaneamente, nos países de origem a emigração pode, em certos casos, reduzir a pressão sobre os recursos naturais e estimular uma alocação mais eficiente do trabalho local. Para aproveitar o potencial dos emigrantes no desenvolvimento agrícola de seus locais de origem, esses efeitos, bem como o papel das remessas financeiras, também devem ser considerados.

Talvez uma mudança no planejamento das doações de fundos seja necessária, na direção de contribuir para maximizar os impactos positivos da migração e minimizar os negativos.

Babs Ates

Food & Business Knowledge Platform

<mailto:babs.ates@knowledge4food.net>

- Trabalho temático da F&BKP voltado para a juventude nos sistemas agroalimentares: knowledge4food.net/theme/youth-agri-food/
- Migration and agriculture. What do you need to know? fao.org/fao-stories/article/en/c/1072891/
- Youth Employment in Developing Economies: Evidence on Policies and Interventions bulletin.ids.ac.uk/idsbo/article/view/2867/ONLINE%20ARTICLE
- Migration, Agriculture and Rural Development. Addressing the root causes of migration and harnessing its potential for development. fao.org/3/I9549EN/i9549en.pdf

Mali e Libéria

Empregos para jovens por meio do desenvolvimento de negócios e da educação

Rudolf Willem van Soelen

Richard van Hoolwerff

Os jovens da África subsaariana rural estão migrando para as cidades em números sem precedentes. Eles migram com sonhos esperançosos por uma vida melhor nas grandes cidades, ganhando mais dinheiro. Em áreas urbanas, a juventude rural entra em contato com empreendedores bem-sucedidos, comerciantes, funcionários públicos e pessoas que trabalham em agências governamentais e ONGs e atuam no setor do desenvolvimento, que contribuem para fortalecer esse ideal de progressão pessoal. Para os jovens, esses modelos de vida urbana demonstram a possibilidade de adquirir casa e carro, e ter estabilidade financeira suficiente para se casar e manter suas famílias. No meio rural há menos exemplos bem-sucedidos desse modelo de vida. Comparativamente, as pessoas das áreas rurais, em sua maioria, são caracterizadas como aldeões de baixa renda, que usam técnicas ultrapassadas de produção agrícola e se limitam a um estilo de vida de subsistência. Porém, a agricultura nas áreas rurais pode ser muito lucrativa se os conhecimentos e talentos adequados forem mobilizados.

Neste artigo vamos discutir a dinâmica do setor agrícola da África subsaariana, os desafios enfrentados pelos empreendedores, e os esforços feitos para melhorar as oportunidades para os jovens. Ao destacar dois estudos de caso – uma abordagem inovadora que otimiza a educação agrícola para os jovens do Mali e um programa de desenvolvimento de pequenas e médias empresas sensível ao contexto na Libéria – nós analisaremos abordagens promissoras para dinamizar a criação de empregos para jovens na agricultura.

O contexto

No Mali e na Libéria, bem como em muitas regiões da África subsaariana, a agricultura (tanto rural quanto urbana) é o primeiro setor na geração de emprego e renda. No Mali, a agricultura produz 33% do PIB e emprega 79% da população ativa, de acordo com o Ministério de Agricultura local. Na Libéria, a agricultura responde por 34% do PIB e 43% dos empregos em 2017, conforme dados do Banco Mundial.

Em consequência, e por que esses empregos exigem geralmente pouco treinamento, existe um grande potencial para os jovens participarem nas cadeias de valor ligadas à alimentação. Porém, devido às condições climáticas adversas, às condições de vida precárias, ao baixo nível de mecanização, à sazonalidade dos serviços, aos salários baixos e às margens de lucro mínimas, muitos jovens abandonam as áreas rurais em busca de emprego e oportunidades nas cidades.

As ocupações que os jovens costumam encontrar nas áreas urbanas são principalmente no setor informal. (92% em 2016 no Mali e 78% em 2010 na Libéria, de acordo com dados do Banco Mundial) e caracterizadas por baixa remuneração e muito insegurança.

Apesar dessas circunstâncias de vulnerabilidade, os jovens estão pouco dispostos a retornar às áreas rurais depois de terem vivido em centros urbanos.

A juventude rural permanece, portanto, num estado de espera (*waithood*¹): devido aos rendimentos baixos e inconstantes dos trabalhos rurais, muitos ficam esperando pelo momento quando tiverem condições para iniciar uma família. A partir dessa perspectiva, a opção de deixar a área urbana para retornar ao campo é muito pouco atraente para os jovens.

Angie Howard, proprietária da empresa de agroprocessamento Falama Inc., na Libéria. Foto: SPARK



Para reverter esse padrão, é fundamental tornar a agricultura – urbana e rural – mais atraente para os jovens, de modo que possam planejar uma carreira no setor. Isso vai exigir um aumento nos recursos financeiros investidos na agricultura e uma mudança na percepção do “agricultor-aldeão”. Este é um desafio que muitos atores, representando instituições governamentais, ONGs e o setor privado, vêm tentando resolver.

As agências de desenvolvimento escolheram focar no aumento da produção agrícola por meio de métodos produtivos melhorados e maior eficiência. O aumento na produção resulta em maior movimento financeiro e pode levar à elevação da renda.

Porém, numa economia em desenvolvimento, onde a relação entre a oferta e a procura é volátil, um aumento na produção quando a demanda está estagnada frequentemente não leva a um aumento significativo na renda. Em muitos casos a renda permanece a mesma por que o preço unitário cai em resposta ao aumento da oferta. Além disso, a sazonalidade dos cultivos pode levar a grandes quantidades do produto chegando juntas ao mercado num curto período de tempo, com a competição derrubando os preços.

Estocar os produtos, de modo a poder vendê-los quando a oferta é menor, é uma opção intensiva em capital que não está ao alcance de muitos produtores nas áreas rurais. Em resposta, muitos projetos de desenvolvimento investem em instalações para armazenamento, tipicamente baseadas num acordo de custos compartilhados pelos usuários. A estratégia de criar um “ambiente apoiador” inclui não apenas infraestrutura de estocagem, mas também mais acesso a financiamento, desenvolvimento de cadeias de valor e organização do mercado, além de regulamentações e políticas mais favoráveis aos produtores e processadores.

Infelizmente o cronograma dos projetos de desenvolvimento financiados por doadores é frequentemente muito curto para lidar realmente com as causas mais profundas das falhas na comercialização, e por isso é difícil alcançar impactos positivos sustentáveis a longo prazo. Novas soluções e iniciativas são urgentemente necessárias.

Apoio ao empreendedorismo juvenil: o “negócio-numa-caixinha”

Iniciativas que objetivam apoiar o emprego de jovens por meio do empreendedorismo estão tornando-se crescentemente populares entre os doadores e formuladores de políticas. Muitas vezes os programas de empreendedorismo juvenil ensinam os jovens a elaborar um plano de negócios. Então, se tais planos forem viáveis, os jovens que os formularam podem ter acesso a empréstimos ou doações para implementar seus negócios. Muito frequentemente, porém, o apoio é oferecido para negócios iniciantes que, na realidade, não têm potencial suficiente para serem bem-sucedidos.

No SPARK, percebemos rapidamente que escrever um plano de negócios não deveria nunca ser o grande objetivo, mas apenas um passo na direção de um objetivo muito maior.

O SPARK vem trabalhando com jovens empreendedores em países afetados por conflitos pelos últimos 20 anos. Nos oito anos que estivemos ativos na Libéria, aprendemos muitas lições sobre o que é mais necessário para apoiar os jovens a terem sucesso em seus empreendimentos em contextos tão desafiadores.

Identificar projetos com grande potencial é o ponto crítico.

Em geral, os conceitos de negócio desenvolvidos pelos jovens – a quem tipicamente falta experiência – não refletem uma compreensão suficiente das oportunidades existentes nos mercados onde eles pretendem operar. Por exemplo, os jovens podem chegar com uma ideia de negócio num mercado que já está saturado com o produto ou serviço em vista, tornando-o menos lucrativo.

Ou podem projetar um produto que demonstra um conhecimento equivocado sobre a base de consumidores que pode alcançar. Mesmo com um conceito de negócio que seja inovador e mostre um grande potencial, esses empreendedores estão operando em ambientes que apresentam diversas barreiras ao sucesso. Muitas vezes eles enfrentam a desconfiança dos atores no setor, baixa capacidade para fazerem valer os termos contratados, e um mercado volátil com condições sempre inconstantes na relação entre a oferta e a demanda. Isso resulta no aumento dos custos operacionais e na perda de parte do lucro potencial. Além disso, os empreendedores enfrentam um capitalismo de compadrio, a falta de infraestrutura adequada, altos custos financeiros devido às taxas de juros elevadas, e preços crescentes da energia.

Este é o mundo onde os jovens empreendedores da África subsaariana pretendem escapar da pobreza, com ideias que muitas vezes são boas, mas insuficientemente adaptadas à demanda e à realidade de suas respectivas condições econômicas.

Em resposta a esses desafios, o SPARK adaptou suas intervenções para focar na demanda do mercado e no conceito de negócios apropriados ao contexto. Nós encorajamos os empreendedores a trabalharem focando em negócios com alto potencial e sólidas propostas de valor. Para realizar isso, o SPARK mudou seu foco para analisar as cadeias de valor nos programas que implementa e nos seus programas de apoio a startups.

Ora Barclay Keller

Quando Ora tornou-se participante do programa Business-in-a-Box/E-Plus, escolheu desenvolver um negócio com ideias inovadoras para melhorar tanto o *design* quanto a qualidade das embalagens usadas na indústria alimentar da Libéria.

Os agricultores liberianos muitas vezes perdem um volume considerável de suas colheitas por causa da falta de acesso a embalagens adequadamente seladas que possam preservar os produtos.

A linha de produtos de Ora – Le Mirage International – preserva os produtos em plástico selados a vácuo, que aumenta sua durabilidade no comércio. O *design* atraente das embalagens também dá um aspecto positivo aos produtos, tornando-os adequados para a exportação.

Martha Wuo

Martha criou a “Samatta God’s Favor Enterprise” em 2015. Ela transformou produtos primários locais em artigos saudáveis e saborosos para o consumo. Seus principais produtos são à base de

gingibre e alho, na forma de *chips*, que podem também ser consumidos com objetivos medicinais. Durante o processo, Martha conheceu o programa Business-in-a-Box/E-Plus, conduzido por Single Spark e SPARK, que lhe deu oportunidade para aprimorar suas habilidades gerenciais e expandir seu negócio. Durante o treinamento, Martha ganhou um conjunto importante de conhecimentos, como manter o registro dos negócios, desenvolver estratégias de comercialização e produzir materiais de divulgação. Embora Samatta God's Favor seja uma empresa comercial, sua missão não está limitada a manter os consumidores saudáveis e felizes. Ela objetiva conectar as comunidades com os produtores e criar empregos para os liberianos.

Business-in-a-Box é um programa implementado em colaboração com os desenvolvedores da metodologia, ligados à empresa social holandesa Single Spark. O programa começa analisando o mercado local usando pesquisas de contexto e o conhecimento dos especialistas locais. Após isso, os conceitos negociais aplicáveis, bem-sucedidos noutros programas e contextos, são desenvolvidos para se adequarem às condições locais. Isso dá aos empreendedores uma base sólida para começar com um conceito de negócio com boas chances de ser bem-sucedido. Usando essa metodologia inovadora, apoiamos o início de 18 negócios apropriados ao contexto dirigidos por jovens. Os programas Business-in-a-Box da SPARK resultaram num aumento de 60% na taxa de sucesso dos negócios, empresas iniciantes mais lucrativas e, portanto, níveis mais altos de emprego.

A educação para o empreendedorismo

Num mundo em permanente mudança, com grande dinâmica nos mercados doméstico e internacional, os empreendedores precisam responder com agilidade às novas realidades e desafios. Educação permanente sobre aspectos relevantes para o mercado é crucial para alcançar esse objetivo. Determinar a demanda real do mercado por novos produtos e serviços de modo a atendê-la é um talento crítico para os empreendedores bem-sucedidos. Programas educacionais que são estáticos ao longo do tempo com uma abordagem genérica, frequentemente falham por não considerar esses aspectos, resultando em prejuízo para os jovens.

Quem não tem apoio suficiente para desenvolver essas habilidades empresariais frequentemente encontra dificuldades para conduzir seus negócios com sucesso. Como resultado, esses jovens não conseguem saldar os empréstimos tomados para começar seus negócios, não terão o orgulho de se tornarem empresários bem-sucedidos, e nem terão uma fonte de renda estável – mantendo-se incapazes de escapar desse “estado de espera”. Atualmente, com o uso diário de celulares e da internet, as iniciativas de desenvolvimento precisam adaptar suas intervenções às oportunidades oferecidas por essas tecnologias. Uma iniciativa no Mali, AgroForma, está usando essas ferramentas para viabilizar o acesso à educação de qualidade, alcançando cerca de 4 mil visitantes individuais por mês e 15 novos assinantes por dia, que podem participar de cursos gratuitos *online*, com treinamento prático (pago) disponível num centro regional.

O preço para esse treinamento prático varia entre 8 e 20 euros, dependendo do número de participantes inscritos e das ferramentas necessárias para os trabalhos executados.

Ao oferecer treinamento continuamente atualizado com base na dinâmica e demandas do mercado, a plataforma oferece módulos de treinamento adequados para o aprendizado aberto e à distância.

“O treinamento técnico para o empreendedorismo no cultivo de arroz é bem prático, fácil de ser implementado logo a seguir. Ele aborda os tópicos mais importantes no cultivo do cereal. O instrutor é paciente e atencioso, e oferece exercícios concretos. Para todos os iniciantes que querem aprender sobre empreendedorismo, eu recomendo. Esse treinamento atendeu às minhas expectativas.” (Vinabé Dembélé, Ségou, março 2018)

Ao aliviar a necessidade de os jovens se mudarem para outras regiões em busca de uma educação mais apropriada, reduz-se a sua migração e – ao mesmo tempo – a “drenagem de cérebros” interna. E quando a demanda muda, do mesmo modo mudam os módulos dos treinamentos. Usando a internet ou o aplicativo em seus celulares, os jovens têm acesso permanente à plataforma e podem melhorar suas habilidades e adaptarem sua estratégia negocial às dinâmicas do momento.

Vários atores estão envolvidos ativamente para garantir a qualidade dos módulos de treinamento e as informações disponíveis. Especialistas de institutos de pesquisa nacionais, funcionários do governo, instrutores de centros de treinamento e voluntários do setor privado estão desenvolvendo continuamente os conteúdos dos módulos. Além disso, centros regionais oferecem treinamento prático e apoiam os usuários a dominarem os módulos. Graças a essa distribuição de conhecimentos efetiva em custos, os jovens estão mais bem equipados para enfrentar os desafios que vêm com a gestão de um negócio bem-sucedido na agricultura, superando as principais barreiras financeiras.

Conclusão

Neste artigo, apresentamos iniciativas inovadoras que podem mudar a dinâmica da “juventude na agricultura”. Fazendo uso de conceitos comerciais mais sensíveis ao contexto e com grande potencial – bem como da educação aberta e à distância – elas facilitam o apoio para estimular negócios melhores e mais lucrativos na agricultura. A longo prazo, outro resultado é a mudança na mentalidade dos jovens com relação à agricultura como um negócio e uma carreira. Esperamos ter inspirado outros atores que atuam em programas de desenvolvimento a adaptarem seu próprio pensamento e programas.

Agora vamos continuar nosso trabalho em um projeto de cinco anos financiado pela União Europeia na Libéria, chamado PARTNERS. Serão analisadas as cadeias de valor da mandioca, banana, feijões, abóbora, abacaxi e vários legumes, e identificados os pontos falhos. Então, programas aceleradores como o Business-in-a-Box serão utilizados para preencher essas lacunas nas cadeias, apoiar os negócios existentes e criar sistemas mais funcionais, gerando mais renda para todos os atores envolvidos e agregando maior valor às colheitas e aos produtos derivados.

Rudolf Willem van Soelen
Expert youth employment, agriculture and ICT
ruudvansoelen@gmail.com
Richard van Hoolwerff
SPARK
r.hoolwerff@spark-online.org

Maiores informações

- Business-in-a-Box: singlespark.nl/biab-program.html
- SPARK: spark-online.org
- The educational platform: agroforma.org/

Nota

1. “Waithood”: Youth Transitions and Social Change. Alcinda Honwana

Mali

Oportunidades econômicas para os jovens e migrantes retornados no Mali

René van Veenhuizen

“O emprego dos jovens cria oportunidades aqui no Mali” (EJOM: L’emploi des jeunes crée des opportunités ici au Mali) é um projeto de três anos iniciado pelas organizações holandesas SNV, ICCO Corporation e WASTE (com a RUAF) e a Agência para a Promoção do Emprego para Jovens do Mali (APEJ). O objetivo do projeto é contribuir para o desenvolvimento de oportunidades econômicas e a estabilidade social nas regiões malinesas de Kayes, Koulikoro, Gao e Bamako. O projeto busca promover a empregabilidade dos jovens ao fortalecer suas capacidades nas habilidades para a vida cotidiana, no empreendedorismo e nos campos técnicos da horticultura, gestão de resíduos, processamento agroalimentar e outros ofícios utilitários. O projeto vai apoiar 400 empresas pequenas e médias nesses tópicos.

Desde abril de 2018, mais de mil jovens (dos quais 45% são moças) receberam treinamento sobre habilidades cotidianas e empreendedorismo. Migrantes retornados – a maior parte dos quais são homens, por que a cultura da migração permanece amplamente masculina – compõem 8% dos participantes. Trinta e três planos de negócio foram selecionados para serem apoiados para futura criação de emprego para os jovens. Um “kit de instalação” (incluindo recursos e assessoramento) já foi entregue a 121 jovens, para viabilizar o início de seus negócios.

Fanto Doumbia, de 34 anos e morador em Bamako, é um migrante que retornou, casado e pai de uma menina. Trabalha com gestão de resíduos e quer melhorar o negócio de sua coleta nas residências. Com apoio da EJOM, Fanto investiu em duas carroças para coleta, dois jumentos e alguns equipamentos que lhe permitiram aumentar sua renda. Ele recolhe os resíduos de 50 moradias, por uma taxa de mensal equivalente a US\$ 5 cada. Assim, ele calcula receber cerca de US\$ 240 mensais, que lhe permitem pagar pelo serviço de um amigo que conduz a segunda carroça. Fanto trabalha à noite, “para evitar o sol forte, assegurar minha saúde e o bem-estar dos animais.” Ele está confiante de que poderá melhorar seu negócio, e já considera a opção de usar equipamentos motorizados na coleta.

René van Veenhuizen

RUAF Foundation

r.van.veenhuizen@ruaf.org

Toronto, Canadá

Usando a alimentação como ferramenta para fixar, integrar e empregar

Marian Yusuf

Rosie Mensah

O programa “Toronto Food Strategy’s Community Food Works for Newcomer Settlement - CFWNS” (Trabalhos comunitários ligados à alimentação para a fixação dos novos migrantes, da Estratégia Alimentar de Toronto) foi implantado em 2016 para atender às necessidades dos imigrantes de língua árabe na cidade. Por meio da alimentação, ele cria oportunidades para a inclusão social e o envolvimento, facilitando-lhes sua instalação e integração à vida canadense. Este programa foi adaptado de outro – Community Food Works – que aborda as barreiras que dificultam o acesso dos novos moradores de baixa renda de Toronto a treinamento em manipulação de alimentos, informações sobre nutrição e apoio para aumentar a sua empregabilidade. O CFWNS foi reconhecido com o prêmio de “alta efetividade” pelo Pacto de Milão sobre Política de Alimentação Urbana em 2017.

A Estratégia Alimentar de Toronto - EAT

A EAT – conduzida pela Agência de Saúde Pública de Toronto – foi instituída em 2010. Sua visão é promover e apoiar um sistema alimentar saudável e sustentável para todos, por meio de pesquisa, facilitação, formação de parcerias, incubando e implementando projetos específicos e práticos. Está alinhada com os crescentes movimentos internacionais, nacionais e regionais ligados à alimentação e com o reconhecimento do importante papel das cidades na promoção de sistemas alimentares saudáveis e sustentáveis.



Figura 1: Estratégia alimentar de Toronto

Em conjunto com o Conselho de Políticas Alimentares de Toronto, os parceiros da Estratégia Alimentar de Toronto, incluindo a equipe municipal, instituições externas, agências comunitárias e o setor privado, trabalham para facilitar mudanças efetivas nas políticas, desenvolver e expandir iniciativas que foquem numa alimentação saudável, diversificada e acessível, e criar bons empregos no setor. A Estratégia Alimentar de Toronto usa a alimentação, por meio de programas como Community Food Works, para melhorar a vida dos moradores e abordar vários determinantes sociais da saúde (ver Figura 2), enquanto implementam sistemas alimentares mais sustentáveis (Figura 1).

Community Food Works - CFW

Em 2011, o programa CFW foi iniciado no âmbito da Estratégia Alimentar de Toronto como um projeto-piloto no desenvolvimento de uma abordagem inovadora para a prestação de serviços de saúde pública. O CFW integra treinamento com certificação de manipulação de alimentos, habilidades alimentares e educação nutricional, além de apoio à empregabilidade para moradores de baixa renda por meio de uma abordagem de educação para adultos centrada na aprendizagem profissional.

O treinamento em manipulação segura de alimentos habilita os jovens para trabalhar em restaurantes e outros negócios alimentares. Desde 2011 o treinamento tem sido oferecido gratuitamente por meio do CFW, desenvolvendo os talentos, o conhecimento e as esperanças dos moradores que esperam trabalhar no setor alimentar, seja em seus próprios negócios, seja cozinhando alimentos mais seguros e saudáveis em casa ou para a comunidade.



*Participantes do projeto expõem seus talentos culinários durante a visita de uma delegação vinda da Grécia.
Foto: Food Strategy*

O CFW usa uma abordagem que considera a equidade na questão da saúde para identificar as causas ocultas das diferenças na qualidade dos serviços de saúde disponíveis para as diversas populações. Ele colabora com agências comunitárias que trabalham com populações marginalizadas, inclusive com os jovens em risco. Do mesmo modo, o CFW lida com as barreiras que as pessoas de baixa renda enfrentam tradicionalmente, como precisar viajar para fazer um curso distante (e ter de pagar por ele) para ter acesso a treinamento em manipulação de alimentos e informações nutricionais. Como resultado, o CFW é oferecido com sucesso em parceria com diversas agências e organizações nos bairros de Toronto.

Community Food Works for Newcomers

Entre novembro de 2015 e janeiro de 2017, Toronto recebeu aproximadamente 7 mil refugiados sírios. O influxo de recém-chegados de língua árabe levou a Agência de Saúde Pública da cidade a criar o programa Community Food Works for Newcomer Settlement – CFWN (Trabalhos comunitários em alimentação para a integração de migrantes recentes) em 2016.

Os migrantes tendem a chegar no Canadá com melhor saúde do que a média dos canadenses; porém ela costuma se deteriorar rapidamente com o tempo – um fenômeno conhecido como o “efeito do imigrante saudável”. Diversas mudanças ocorrem no processo de migração, e os recém-chegados enfrentam desafios significativos com relação ao atendimento das necessidades básicas. A necessidade por moradia e integração, emprego, inclusão social e segurança alimentar colocam diversos riscos para a saúde dos imigrantes. (Figura 2). O CFWN reconhece os impactos da migração na saúde e age como uma intervenção precoce para prevenir o seu declínio. E, pela primeira vez, o CFWN vem utilizando a alimentação para melhorar as condições de integração dos recém-chegados à cidade.



Figura 2: O desemprego entre os migrantes leva à renda insuficiente, que leva à insegurança alimentar e a impactos negativos na saúde. A saúde debilitada coloca desafios para os migrantes, dificultando-lhes achar e manter emprego, piorando ainda mais a renda e a segurança alimentar das pessoas.

(Toronto Public Health and Access Alliance Multicultural Health and Community Services, 2011).

O CFWN adapta o currículo original e processos de treinamento do CFW para atender às necessidades específicas desse grupo. As adaptações incluem a contextualização cultural e a tradução para o árabe do curso de segurança alimentar e habilidades ligadas à alimentação. Um modelo de interpretação e implementação para o programa, baseado no contato estruturado entre os participantes, fortalece o componente de empregabilidade do programa.

O CFWN é único no modo como apoia os migrantes no enfrentamento de vários desafios. Reunir os participantes numa comunidade interrompe o isolamento social, facilita a compreensão do ambiente canadense e de Toronto, promove a saúde por meio da boa nutrição e da segurança alimentar, e abre caminho para postos de trabalho por meio do treinamento em manipulação de alimentos e da ajuda na busca de emprego. Os participantes participam de programas de treinamento em inglês e em outros fatores que podem ajudar na integração.

Fatores sociais determinantes na saúde

Estabelecimento e integração

O termo “estabelecimento” refere-se a “processos de longo prazo, dinâmicos, de duas vias, por meio do qual, idealmente, os imigrantes iriam alcançar plena equidade e liberdade de participação na sociedade, e a sociedade ganharia acesso aos recursos do pleno potencial humano dos imigrantes” (OCASI, 2000). Do mesmo modo, o termo “integração” é um processo pelo qual “os imigrantes agem como membros plenamente atuantes da sociedade” (Integration-Net, 2003).



Formatura de uma turma. Foto: Arlene Moscovitch

Estabelecimento e integração são parte de um processo que toma diversas formas dependendo das necessidades e experiências específicas de cada indivíduo (Murphy, 2010). Estabelecer-se e integrar-se a uma nova cultura é um processo de longo prazo, essencial para a prosperidade e saúde dos recém-chegados (Munson & Ataullahjan, 2016).

Emprego

É sabido que o emprego tem um efeito poderoso na saúde, e muitos recém-chegados experimentam grandes desafios para ingressar no mercado profissional, como a precariedade ou as condições insalubres de trabalho. O emprego é fundamental para atender às necessidades de renda básica e segurança alimentar; fatores muito importantes para a saúde. Como resultado, lidar com as barreiras para entrar no mercado de trabalho canadense tem o potencial de minimizar o risco de problemas de saúde entre os recém-chegados na cidade de Toronto e lhes proporcionar benefícios financeiros, sociais e psicológicos (Toronto Public Health and Access Alliance Multicultural Health and Community Services, 2011).

Ao fornecer aos participantes recém-chegados treinamento e certificação de manipuladores de alimentos, o CFWN promove a sua empregabilidade. No primeiro ano, 208 participantes se formaram no programa, e hoje estão empregados ou prontos para ter acesso ao emprego no setor de alimentos.

Atualmente o CFWN está sendo avaliado. Esse processo requer uma pesquisa de acompanhamento de seis meses dos participantes após a conclusão do treinamento. A avaliação final, que inclui os resultados obtidos na empregabilidade, estará disponível em março de 2019.

*Aula prática com materiais instrucionais escritos em árabe.
Foto: Arlene Moscovitch*



Segurança alimentar

As mudanças nas escolhas alimentares dos imigrantes podem ser antecipadas conforme a disponibilidade e preço dos seus alimentos tradicionais, fatores que levam os recém-chegados a adotarem a dieta do grupo dominante – fenômeno frequentemente referido como “aculturação alimentar”. (Sanou et al., 2014). Essa adaptação coloca um risco para a saúde dos migrantes: as escolhas pouco saudáveis contribuem significativamente para o declínio da saúde dos recém-chegados ao Canadá (Sanou et al., 2014).

Considerando que os desafios relacionados com a disponibilidade e o acesso aos alimentos colocam ameaças à saúde dos imigrantes, o CFWN oferece educação alimentar culturalmente apropriada, que encoraja o consumo saudável de alimentos culturais. Os imigrantes muitas vezes são altamente capacitados, e o CFWN busca aumentar o seu potencial pelo fortalecimento de seus conhecimentos e habilidades ligados à alimentação.

<https://vimeo.com/241990852>

Wehbe Zaidan é uma imigrante síria. Ela era farmacêutica e veio para o Canadá em dezembro de 2015. Em 2016 ela se uniu ao Community Works for Newcomer Settlement, primeiramente como uma participante e atualmente como líder (paga) de um grupo de participantes. Wehbe expressou assim os seus

sentimentos com relação ao programa: “Descobri que o CFWN é muito útil. Aprendi como lidar com armazenamento e congelamento de alimentos, compreender as informações nutricionais dos alimentos, os seus impactos positivos e negativos, inclusive do sal, do açúcar e das gorduras. Nós precisamos de trabalho para sobreviver, e muitas mulheres encontraram um bom trabalho graças a esse programa. Elas hoje trabalham em escolas, restaurantes e outros locais.”



Embora a avaliação final dos resultados ainda não esteja disponível, os participantes do programa, os líderes de grupos e demais parceiros atestaram a efetividade do modelo. O CFWN responde a muitas barreiras que os migrantes enfrentam por meio da educação nutricional, apoio para encontrar emprego e treinamento em manipulação de alimentos. Por meio da alimentação, o CFWN vai continuar a aprofundar o processo de estabelecimento para os imigrantes que chegam a Toronto, e reduzir as iniquidades que afetam a saúde dos recém-chegados.

Os líderes dos participantes do programa CFWN são recrutados nas mesmas comunidades dos demais; eles melhoram a adequação cultural do programa em seu treinamento e provêm serviços que apoiam os outros migrantes.

No futuro, os líderes estarão ainda mais integrados no programa, aumentando sua capacidade para o envolvimento significativo dos participantes e fortalecendo a colaboração com as diversas partes interessadas. Envolver-se com o CFWN pode levar a um bom emprego, mas também ao sucesso como autônomo.

Marian Yusuf

Consultant Nutrition Promotion

Marian.Yusuf@toronto.ca

Rosie Mensah

Registered dietitian

Referências

- Integration-Net (2003). National Settlement Conference 2: Settlement Accord Section. Three: Defining the Settlement Sector Definition of Settlement. Calgary - October 2-5, 2003.
- Munson, J. & Ataullahjan, S. (2016). [Finding refuge in Canada: A Syrian resettlement story](#).
- Murphy, J. (2010). The settlement and integration needs of immigrants: A literature review.
- Ontario Council of Agencies Serving Immigrants. (2000). Immigrant Settlement Counselling: A Training Guide.
- Sanou, D., O'Reilly, E., Ngnie-Teta, I., Batal, M., Mondain, N., Andrew, C., Bourgeault, I. L. (2014). [Acculturation and Nutritional Health of Immigrants in Canada: A Scoping Review](#). Journal of Immigrant and Minority Health, 16(1), 24–34.
- Toronto Public Health and Access Alliance Multicultural Health and Community Services. [The Global City: Newcomer Health in Toronto](#). November 2011.
- Toronto Public Health

Oslo, Noruega

Utilizando plantios em telhados para ensinar habilidades profissionais

Adam Curtis

Helene Gallis

Na cobertura de um prédio de escritórios a leste de Oslo, sete andares acima do trânsito de ônibus, carros e bondes, doze jovens passaram seu verão cultivando alimentos. O Tak for Maten, primeira horta em cobertura de Oslo, foi criada em 2017 em uma área multicultural e em processo de gentrificação da cidade, e inclui 30 canteiros elevados e uma estufa, colmeias, árvores frutíferas e galinhas poedeiras. No verão de 2018, o espaço cultivado cresceu e tornou-se um local onde outros jovens participam de um programa de capacitação profissional durante as férias escolares.

A organização

O projeto Nabolagshager (ou “hortas de vizinhança”) foi criado por Helene Gallis em 2013 para promover a agricultura urbana entre a juventude de Oslo. A organização vem sendo uma parceira fundamental para promover e expandir a produção de alimentos na cidade ao desafiar o *status quo* e estabelecer projetos pioneiros. Os projetos do Nabolagshager incluem a gestão de hortas comunitárias com grupos vulneráveis, como refugiados, a construção do primeiro sistema de aquaponia da cidade, e o treinamento de milhares de participantes nas práticas básicas da horticultura por meio de cursos e eventos. A abordagem da organização é centrada na utilização da agricultura urbana como um meio para criar locais onde os moradores possam se encontrar, *desestressar*, se comunicar e se desenvolver. Alguns dos espaços utilizados para esse trabalho incluem hortas comunitárias e em coberturas, parques públicos, e mesmo bibliotecas. Essa estratégia cria um clima sutil para a coesão social, o fortalecimento das comunidades e a redução de muitos problemas associados aos ambientes urbanos.

Além disso, o Nabolagshager foca uma atenção especial no crescente mercado de trabalho ligado ao ambiente, na certeza de que o interesse mundial pela agricultura urbana precisa de modelos sustentáveis de financiamento para avançar. Essa preocupação envolveu um grupo de consultores que testaram vários modelos de negócios em torno da aquaponia, cultivos verticais, cultivos em coberturas prediais e parcerias com universidades.



Miriam, uma das participantes do programa de verão, colhendo e avaliando a sua produção. Foto: Mandel & Sesam

O programa Nabolagshager reconhece que, diante dos desafios crescentes ao abastecimento alimentar global, é cada vez mais importante difundir as práticas agrícolas localmente e criar espaços nos quais seja possível praticar esse conhecimento.

O contexto norueguês

Apesar de contar apenas com 4% de terras aráveis em todo o seu território, e uma estação propícia muito curta, a agricultura sempre foi a principal atividade da sociedade norueguesa. Porém, com a economia fortemente atrelada à indústria petrolífera nos últimos 50 anos, uma mudança ocorreu, da autossuficiência para a dependência com relação ao comércio global de alimentos. Hoje a Noruega produz apenas 40-45% da comida consumida no país. O moderno movimento da agricultura urbana tem se desenvolvido lentamente. A maior parte da população ativa no país usa todo o mês de julho, ou parte dele, para tirar férias no trabalho e passear. Com uma estação propícia para a agricultura muito curta, a relativa fragilidade da cena agrícola em Oslo talvez se deva ao fato de a força de trabalho e os voluntários se tornarem menos disponíveis nas férias, justamente quando os tratos culturais nas hortas se tornam mais exigentes.

Embora a cultura das férias de julho seja forte, muitas famílias de baixa renda não participam dela, criando assim a possibilidade de trabalhar nos cultivos no verão e atender ao desejo dos jovens de adquirirem novas experiências antes de voltarem à escola no outono.

Para muitos grupos de migrantes, a falta de familiaridade com hortas em parcelas, o clima pouco familiar para os cultivos, ou mesmo o conhecimento limitado dos alimentos básicos noruegueses, como o rábano ou os doces típicos, podem ser barreiras para se engajarem na agricultura urbana.

Mesmo assim, nos anos recentes, abordagens inovadoras para a produção de alimentos na cidade surgiram, inclusive esquemas de financiamento público para a agricultura urbana, projetos-pilotos de horticultura e aquaponia em coberturas, hortas em escolas elementares e jardins de infância, bem como um número crescente de hortas comunitárias.

O ambiente

O Nabolagshager está localizado em Grønland, um bairro a leste de Oslo que está experimentando um processo acelerado de gentrificação. É uma vizinhança vibrante, onde restaurantes éticos, quitandas geridas por imigrantes e mesquitas são encontradas lado a lado com bares da moda.

Grønland é o primeiro destino para muitos refugiados e imigrantes, e abriga grupos de recém-chegados que enfrentam baixa participação na força de trabalho e altas taxas de pobreza. Na Noruega, os imigrantes – e os noruegueses nascidos de pais imigrantes – representam 17,3% da população. Em Oslo, esses grupos já constituem 30% dos moradores. É um grupo diversificado, que chegou ao longo de décadas de imigração, provenientes de diferentes ambientes culturais e religiosos, com os somalis, paquistaneses e iraquianos compondo os maiores grupos de migrantes não-ocidentais.

Por meio de seu trabalho no leste de Oslo, o Nabolagshager tornou-se crescentemente consciente dos desafios que os jovens imigrantes enfrentam para completar a escola secundária e encontrar emprego. Cerca de 40% dos estudantes secundaristas no distrito de Gamle Oslo, onde Grønland está localizada, nunca completam a sua educação, e a taxa de evasão é particularmente alta entre os meninos com origem em grupos minoritários. Adicionalmente, as conexões sociais são crescentemente importantes quando se busca um emprego – uma tendência que cria uma desvantagem a mais a ser superada pelos novos moradores.

O programa



Uma visão da horta para o lado oeste do prédio. Foto: Mandel & Sesam

Existe uma forte necessidade de novas ideias sobre como estimular os jovens a assumirem a responsabilidade por seu futuro, facilitar o desenvolvimento de novos modelos e criar oportunidades de emprego com base nas habilidades e potencialidades disponíveis localmente. Essa foi a motivação que levou à colaboração com a escola secundária local, a Hersleb Videregående Skole. Seu objetivo foi permitir aos jovens locais a oportunidade de construir seus currículos e obter referências positivas para encontrarem seu futuro emprego.

Para a escola, o projeto está sendo uma oportunidade de colaborar com outras partes interessadas na busca de soluções inovadoras para os jovens diante de desafios sociodemográficos estruturais.

Por meio de vários recursos, públicos e privados, o Nabolagshager foi capaz de oferecer a 12 jovens locais, com idade entre 16 e 20, um salário pelo trabalho em tempo parcial por dez semanas, durante o verão de 2018. Sob a direção de mentores, eles plantaram, cuidaram e colheram alimentos em grupo, e participaram de projetos de construção e criação de pequenos animais.

Além disso, os jovens foram treinados, por meio de oficinas, em habilidades funcionais importantes, como a elaboração e implementação de projetos, recebendo informações teóricas em agricultura urbana ligadas ao estudo de ciências na escola, preparando-os para a vida real. Um primeiro emprego também é oferecido; um passo importante na direção à idade adulta, especialmente para as famílias de baixa renda.

O impacto

Por meio de entrevistas realizadas com os doze jovens empregados para o programa de verão, o Nabolagshager está trabalhando atualmente com vários pesquisadores universitários para avaliar a atividade de modo a configurar iniciativas futuras. Nem todos esses dados já estão disponíveis, mas a equipe e os mentores já começaram a analisar o impacto do trabalho.

1. Nem todos os jovens apreciam ou estão familiarizados com trabalhos físicos. Embora alguns dos doze jovens estivessem realmente interessados em agricultura, a maioria estava simplesmente buscando ganhar algum dinheiro e enriquecer seu currículo. O Nabolagshager foi capaz de adaptar o programa de verão desde o seu planejamento para incluir habilidades como carpintaria e gestão das mídias sociais, que foram utilizadas para promover a agricultura urbana em Oslo. Esse fato comprovou que, ao se construir uma coalizão, a diversidade fortalece a resiliência.
2. Todos os participantes provinham de algum grupo minoritário, e quase todos haviam sido criados na Noruega. Além disso, muitos jovens empregados pelo projeto moravam em áreas conflituosas. Como a situação residencial dessas pessoas parece estar em constante mudança, surgiu uma questão filosófica em torno do papel da agricultura urbana. Um dos participantes do programa expressou alegria em ser capaz de cultivar alguma coisa – um sentimento compreensível para um jovem que, menor de idade, migrou sem os pais através de vários países por vários anos para escapar de conflitos e nunca teve chance para estabelecer raízes. Essas pessoas podem escolher – ou serem forçadas a – retornar para seus países de origem em algum momento do futuro. Por isso, um dos objetivos do programa Nabolagshager é cultivar conhecimento e inspiração com relação à agricultura urbana de modo que esses migrantes, adultos, jovens e crianças, possam contribuir na construção de comunidades positivas em Oslo ou mesmo em suas regiões de origem.
3. Os estudantes refugiados e com limitações de linguagem demonstraram talentos inesperados ao trabalharem com outros jovens. Eles se destacaram como líderes em vários projetos, como a construção de um galinheiro ou o desenvolvimento de estratégias de “horticultura guerrilheira”, demonstrando que a agricultura urbana pode ser uma excelente forma para melhorar a inclusão social por meio de atividades compartilhadas.
4. O certificado de que os jovens receberam treinamento e as respectivas avaliações são incluídas nas cartas de recomendação disponíveis para os jovens utilizarem ao buscarem emprego. Muitos participantes também exprimiram interesse em explorar melhor as oportunidades de emprego no próprio programa Nabolagshager ou em atividades relacionadas.

Uma ação de longo prazo: não apenas um programa de verão

A visão do programa Nabloagshager é reunir equipes de jovens contando com ajuda e consultoria oferecidas pela organização, treinando-os para se tornarem líderes e mentores em projetos semelhantes no futuro. Ao desenvolver uma variedade de opções profissionais ligadas à agricultura urbana viáveis para os jovens em situação de risco, o impacto pode ser ampliado e se tornar sustentável no decorrer do tempo.

O programa ofereceu aos jovens em situação de risco uma oportunidade de inspiração. Provenientes de ambientes socioeconômicos desfavoráveis, esses jovens irão se tornar importantes agentes de mudança rumo a uma mentalidade ecológica, e se tornarão modelos para uma nova geração, mais multicultural e “verde”. A escola secundária parceira do projeto agora quer tornar-se a escola mais “verde” de Oslo.

Para o projeto Nabolagshager, a lição aprendida é que o conhecimento em horticultura muitas vezes aplica-se à sociedade como um todo: mesmo uma muda fraca, que ninguém espera que sobreviva, pode tornar-se uma planta produtiva se lhe forem dados os cuidados e a nutrição adequada.

Frequentemente a Noruega é listada entre os “melhores” países para se viver. Porém, mesmo em um país estável e economicamente rico, existem grandes diferenças entre “quem tem” e “quem não tem”. Em nosso mundo globalizado é interessante ver como a agricultura urbana serve como uma ferramenta para empoderar e conectar pessoas de diferentes origens.

A utilização da agricultura urbana para construir habilidades para a vida e para o trabalho entre os jovens tem tido sucesso nos vários continentes e diversas culturas, sendo um testemunho da relevância da produção de alimentos dentro das cidades, tanto hoje em dia quanto no futuro distante.

Adam Curtis

Gerente do programa

“The Green Team summer job” do projeto Nabolagshager

Oslo, Noruega

adam@nabolagshager.no

Helene Gallis

Diretora-geral e fundadora do projeto Nabolagshager

helene@nabolagshager.no

Uganda

O esforço de uma mulher para treinar agricultores urbanos

Harriet Nakabaale

A horta de Harriet Nakabaale é um imã para jovens que planejam um futuro como empreendedores agrícolas.

“Camp Green” – como ela chama o seu espaço de 15 X 9 metros no distrito de Kawaala-Kasubi, em Kampala, Uganda – está coberto de vida vegetal e trepidando de atividade. Lá estão crescendo pés de goiaba, maracujá, amora, morango, couve-flor, repolho e berinjela, além de plantas aromáticas como menta, orégano, salsa e funcho, para citar apenas algumas. No meio dos plantios, existem criações de galinhas e codornas que produzem adubo para os cultivos além de ovos. Toda manhã às 9 horas cerca de 50 estagiários chegam no Camp Green para seis horas de treinamento intensivo em habilidades como, por exemplo, preparar um canteiro, confeccionar composto, salvar sementes para plantios futuros e técnicas de plantio. Harriet Nakabaale, mãe solteira, começou a cultivar hortaliças, frutas e ervas em grandes sacos fora de sua casa em 1994, inicialmente para alimentar a sua própria família.

Ela aprendeu a cultivar alimentos com seus pais, que a despertaram para a importância de uma mulher manter a sua própria horta.



Harriet, fundadora de Camp Green



Produção de mudas em cascas de ovo

Ela foi tão bem-sucedida que não apenas vendia seus excedentes, mas também passou a receber parentes, vizinhos, amigos e estranhos que, muitas vezes, queriam saber como cultivar seus próprios alimentos, transformando áreas baldias da capital de Uganda em oásis produtivos.

Atualmente os cursos em Camp Green duram dois dias, e ao final são organizados passeios para visitar outros produtores e aprender mais sobre cultivos e práticas não apresentadas no local do treinamento. Os participantes não pagam nada pelo treinamento, embora devam contribuir com 20 mil xelins de Uganda (cerca de US\$ 7) pelos almoços servidos.

Eles também pagam pelas mudas ou produtos que queiram comprar, e pelo transporte para os passeios. “Quanto menos custoso, melhor”, diz Nakabaale. “Você não vai querer assustar as pessoas com taxas elevadas”. Ela se sustenta vendendo produtos e prestando orientação paga a quem puder pagar – além de trabalhar como costureira.

Os cursos são tão populares que os interessados precisam se inscrever com antecedência, sendo que atualmente o seu filho mais velho a ajuda na organização e realização das atividades.

A rota para o trabalho

A grande demanda por treinamento em agricultura urbana não surpreende por causa da alta taxa de desemprego entre os jovens ugandenses. Cerca de 78 % das pessoas que vivem em Kampala têm menos de 30 anos.

De acordo com o Banco Mundial, 10 % da força de trabalho na área metropolitana da Grande Kampala está desempregada e 23 % está subempregada – em termos de horas de trabalho ou de salários. Entre os que trabalham, 57 % estão no setor informal.

Os estagiários em Camp Green ganham o conhecimento e habilidades de que necessitam para obter um emprego ou iniciar seu próprio empreendimento agrícola. Harriet geralmente foca em jovens que estão finalizando o ensino secundário, entre 18 e 30 anos, mas alguns estagiários têm pouco mais de 12 anos, e não há limite máximo de idade.

Cultivando uma reputação...

Harriet estima que mais de 10 mil jovens já foram treinados como agricultores urbanos em Camp Green nos últimos anos. Nem todos são originários de Kampala – nem mesmo de Uganda.

A notícia já se espalhou muito, especialmente desde que o jornal ugandense New Vision deu a Harriet Nakabaale o título de “mulher empreendedora do ano” em 2012.

De fato, a maioria das pessoas tem ouvido sobre Camp Green por meio da mídia tradicional (jornais, rádio e televisão) ou no Facebook. Harriet também participa de eventos ligados à agricultura, como a Exposição Agrícola Nacional, em Jinja, e às vezes viaja ao exterior para treinar grupos maiores.

Por exemplo, recentemente ela visitou campos de refugiados no Sudão, onde conduziu um treinamento de cinco dias para 200 participantes.

Cultivando um sonho

Harriet Nakabaale planeja expandir seu programa de treinamento. Ela agora pretende comprar uma área de 10 hectares perto da cidade, onde sonha implantar um centro de treinamento agrícola.

Trata-se de uma área particular, e ela está buscando patrocinadores para levantar os 50 mil dólares de que precisa para comprá-la e construir as instalações.

“A necessidade de dispor de acomodações residenciais deve-se ao fato de haver muitos estudantes que vêm de fora de Kampala,” ela adianta.

Ser capaz de oferecer acomodação vai habilitar Camp Green a receber participantes internos para períodos de treinamento mais longos, idealmente de duas semanas.

Harriet Nakabaale
Camp Green Uganda
campgreen14@gmail.com

O Centro Kyania de Recursos em Agricultura Urbana, em Kampala, Uganda

René van Veenhuizen

A cidade de Kampala tem uma população de 1,5 milhão de habitantes, e 3,5 milhões vivem em sua região metropolitana. É o centro administrativo e comercial do país, e a região com maior concentração demográfica, atraindo a maior parte dos migrantes rurais.

Embora tenha sido projetada que sua população irá aumentar para entre 8 e 10 milhões por volta de 2030, estima-se que 60 % dos moradores de Kampala vivam em favelas, com rendimentos variando entre 2 a 5 dólares por dia. Conforme a cidade cresce e se desenvolve, desafios e oportunidades irão surgir para a produção urbana de alimentos.

Muitos moradores que não conseguem assegurar uma fonte de renda constante estão se voltando para a agricultura urbana para sobreviver, em termos de nutrição, mas também de geração de renda.

Por causa do papel que a agricultura urbana desempenha frente aos desafios da insegurança alimentar e da carência de rendimentos, Kampala desenvolveu uma Política de Produção Urbana de Alimentos em 2014, bem como cinco decretos voltados para a agricultura urbana visando promover e regular o setor. O governo de (Kampala Capital Authority - KCCA) está liderando intervenções para promover a agricultura urbana na região por meio da disseminação de habilidades e conhecimentos relacionados com hortas de quintal e a reciclagem dos resíduos orgânicos.

A KCCA criou o Centro Kyania de Recursos em Agricultura Urbana para apoiar os produtores com diversos serviços: demonstrações de tecnologias de agricultura urbana, oferta de treinamento prático para os produtores, produção de insumos de alta qualidade para os agricultores (sementes de hortaliças, leitões, serviços de inseminação artificial para suinocultores, e uma clínica para diagnose e tratamento de pragas e doenças que afetam as plantas).

Nos últimos três anos, 450 estagiários foram treinados em produção orgânica de hortaliças – e esses, por sua vez, já treinaram cerca de 7.000 outros produtores dentro da cidade.

Toda semana, cerca de 100 visitantes vêm ao centro, para um passeio ou comprar insumos de alta qualidade para a sua produção.



Contato:

Dr. Esau Galukande

Kampala Capital City Authority

egalukande@kcca.go.ug

Haiti

A horta que tornou “verde” uma zona “vermelha”

Jess Halliday

A iniciativa Jaden Tap Tap ocupa o local de um antigo lixão. Sobre o solo que estava atulhado com garrafas plásticas, pneus e toda sorte de detritos gerados por uma favela superpovoadada, agora mais de 20 espécies de hortaliças e ervas são cultivadas em pneus velhos aproveitados.

Jaden Tap Tap é o principal programa agrícola da SAKALA, “o centro comunitário para alternativas pacíficas”, na famosa Cité Soleil. Cobrindo mais de meio hectare, a horta foi criada em 2012 após o terremoto devastador que sacudiu o Haiti dois anos antes. É uma fonte de esperança, treinamento e segurança alimentar para a comunidade.

A Cité Soleil tem uma reputação de ser uma das comunidades mais perigosas no hemisfério ocidental.

Antes



Depois

Ela tem um histórico de gangs violentas e a Polícia Nacional do Haiti tem pouca presença na área. Tiroteios ocorrem lá quase todas as noites.

De acordo com a SAKALA, a área é uma comunidade normal – embora seja muito pobre e existam poucas oportunidades de emprego.



Ninguém sabe exatamente quantas pessoas vivem na Cité Soleil; estima-se que a população abranja entre 200 e 400 mil habitantes, sendo a maior parte deles formada por crianças e jovens.

Raízes comunitárias

Jaden Tap Tap situa-se no antigo bairro têxtil. Durante os motins que se seguiram à deposição do presidente Aristide em 2004, as fábricas de roupas, propriedade de empresários ricos, foram saqueadas. Os prédios industriais foram abandonados e arruinados, e grande parte da área tornou-se um imenso lixão informal.



Após o terremoto de 2010, as pessoas desabrigadas vieram para o bairro, que havia sofrido menos danos, mas as condições ambientais eram extremamente insalubres. De fato, foi lá que o surto de cólera que ocorreu após o sismo foi inicialmente identificado, e a ajuda das organizações internacionais não pôde atender às muitas necessidades da comunidade.

Ansiosa por controlar a situação, a comunidade organizou reuniões públicas, resultando na parceria com a ONG SAKALA, fundada em 2002, que já oferecia um programa de desenvolvimento juvenil baseado em esportes, e se envolveu fortemente nas ações de recuperação após o terremoto. Seus líderes viram que as grandes ameaças colocadas pelas condições miseráveis poderiam ser transformadas em oportunidades. A comunidade assumiu então a difícil tarefa de retirar os detritos da área antes usada como vazadouro de lixo e torná-la uma horta produtiva.

Da segurança alimentar às chances de emprego

Logo nos primeiros dias, Tap Tap foi uma fonte de alimentos para os jovens e moradores mais idosos ou com deficiências que moravam no assentamento e vizinhanças. Além das hortaliças, a comunidade plantou diversos pés de moringa, uma planta de crescimento rápido cujas folhas são ricas em proteína e vitaminas, uma ótima fonte de nutrição para as famílias locais.

Daniel Tillias, co-fundador da SAKALA, logo percebeu o potencial da agricultura para a educação dos jovens: “Era uma grande oportunidade para integrar os conhecimentos dos moradores mais velhos – agricultores que se mudaram para a cidade – com os jovens sem qualquer prática em horticultura, mas com a energia necessária para desempenhar as tarefas produtivas”.

Inicialmente, a SAKALA selecionou 250 jovens em situação de risco para aprenderem o básico sobre agroecologia, agroflorestas, nutrição e liderança, além de habilidades empresariais. Após, em 2017, a organização obteve um recurso da ONU que a habilitou treinar 100 jovens como empreendedores agrícolas.

“Por que a agricultura? É um canal viável para os jovens encontrarem trabalho, que não exige muita experiência, e é uma grande oportunidade para reconectar as pessoas entre si, ou simplesmente conectar os jovens com a Mãe Terra”, diz Tillias.

Os jovens foram selecionados com base em sua vulnerabilidade, considerando situações como a dos pais jovens, de ex-prisioneiros e de antigos membros de gangs. A intenção era equilibrar meio a meio a participação de rapazes e moças, mas o número deles ultrapassou o delas, por causa do seu maior interesse, e – no decorrer do projeto – as meninas representavam apenas 30 % do total.

“Nossa abordagem baseia-se em reconectar as pessoas com o solo por meio de ações simples e relacionar os resíduos com renda, para que os jovens vejam as oportunidades que há no lixo”, diz Tillias. Ao todo, os participantes criaram 20 empreendimentos, não apenas ligados à produção de alimentos, mas também à criação de abelhas e à compostagem. “Todos permanecem ligados à terra, que é o nosso principal valor”.

Agricultura apoiada pela comunidade – o próximo passo importante

Seguindo em frente, Tillias tem grandes planos para envolver mais a comunidade local no dia-a-dia produtivo de Jaden Tap Tap. “O sistema da agricultura apoiada pela comunidade (CSA – community supported agriculture) é o próximo grande passo para acontecer no Haiti, quando as pessoas compreenderem o desafio que é produzir alimentos de qualidade a preço acessível e tomarem parte no processo para enfrenta-lo com êxito”.

Daniel Tillias

SAKALA

sakalaayiti@gmail.com

Catbalogan, Filipinas

O Centro de “Agroempreendedores” de Samar

Cecilia A. Arga

Catbalogan é uma cidade média (103.897 habitantes, NSO 2015) nas Filipinas, com ricas áreas agrícolas. Mesmo assim, cerca de 80% dos produtos agrícolas que a população consome são importados de outras regiões. A cidade enfrenta indicadores de desempenho desafiantes para as escolas elementares e de ensino médio, atendendo a 66% dos jovens, com taxa de evasão escolar de 4% ao ano (2014-2015) e um grande número (10.500) de jovens fora da rede escolar (2015 Literacy Mapping). A combinação dessas estatísticas agrícolas e educacionais inspiraram a Superintendência da Divisão Escolar do Departamento de Educação em julho de 2017 a liderar a implementação de um projeto inovador: a Escola Agro-industrial da cidade de Catbalogan, comumente chamado de CCAIS.



Foto: Ronian Jabon

O CCAIS é uma instalação criada para o treinamento de moradores locais, especialmente os jovens, incluindo conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para se tornarem produtores e/ou agroempreendedores. O projeto conta com o total apoio do prefeito da cidade, Stephany Uy-Tan, cuja estratégia de longo prazo objetiva melhorar as condições de vida dos participantes e assegurar um ambiente mais saudável e seguro.

A Escola Agroindustrial da cidade de Catbalogan

O Centro está situado em uma antiga penitenciária abandonada, abrangendo 9 hectares de área agrícola de propriedade municipal. A escola foi criada graças à forte colaboração das várias partes interessadas lideradas pelo superintendente da Divisão Escolar.

Ele planejou uma escola para ser o centro de formação de agroempreendedores orgânicos, contribuindo para as iniciativas do governo que visam à segurança alimentar e ao reverdecimento da cidade.

Até hoje, mais de PHP 13 milhões (cerca de 207 mil euros), principalmente provenientes do Fundo Especial para a Educação e da contrapartida anualmente paga pelos produtores dos lotes cultivados, de PHP 10 (16 centavos de euro), vêm sustentando as necessidades da escola.

Cada um dos bairros envolvidos (13 urbanos e 44 rurais) foi convidado a enviar dois estudantes (com idade entre 16 e 18 anos) para participarem do CCAIS. Todos os estudantes recebem alimentação e alojamento gratuitos, financiados pela cidade. Os estudantes podem escolher entre cultivo de safras e/ou criação de animais.

O diretor da escola relata todas as atividades realizadas aos parceiros, como o Philippine Business for Social Progress, que ajudou a fortalecer as operações dos escolares com o “Projeto de Educação para a Vida por meio do Desenvolvimento Agrícola e Aquícola” (Livelihood Education through Agri/Aqua Development Project) financiado pelo Standard Chartered Bank. Com esse projeto, os professores e estudantes recebem equipamentos e treinamento sobre tecnologias agrícolas avançadas. Outros parceiros incluíram os Departamentos Municipais de Agricultura, de Turismo, da Indústria e Comércio, de Desenvolvimento Cooperativo e do Trabalho e Emprego.

Resultados e impactos

Desde a sua criação até hoje, a participação de jovens no sistema escolar secundário aumentou para 76% e a taxa de evasão caiu para 1% (ano escolar 2016-2017). Logo em seu segundo ano, o CCAIS aumentou a participação de alunos secundaristas de 44 para 101 jovens, e continua atraindo-os para seus cursos de agricultura voltados para a produção de hortaliças e criação de animais.

CCAIS também atrai o apoio dos pais por causa da alimentação e alojamento gratuitos oferecidos.

Inicialmente os estudantes cultivam safras de mandioca, camote, arroz e milho. Nas hortas, produzem várias espécies como abóbora, okra, feijões, pechay, pimenta, berinjela e chayote. Essas hortaliças, os frangos e os ovos produzidos são vendidos pelos estudantes para suas famílias e a comunidade local.

Os estudantes desenvolvem sua capacidade empresarial comercializando seus produtos nos bairros vizinhos. Eles ganham experiência e dinheiro enquanto estudam graças aos produtos alimentícios que vendem. Essa oportunidade lhes mostra que podem ter uma qualidade de vida melhor com base em sua iniciativa produtiva no setor da alimentação. Os jovens também têm acesso a fundos-semente para iniciarem seu próprio negócio após se formarem.

Os pequenos produtores dos bairros vizinhos também podem receber treinamento em tecnologias agrícolas. A escola recebe regularmente visitas de empreendedores agrícolas ou do setor alimentar que vêm avaliar os negócios, produtos e práticas disponíveis, e ainda gera alguma renda com o agroturismo. A escola também continua a atrair e obter apoio de organizações não governamentais que reconhecem a viabilidade do projeto inovador.

As atividades do CCAIS ajudam a cidade a melhorar a situação econômica futura de seus habitantes e sua segurança alimentar e ambiental.

Cecilia A. Arga

Department of Education, Catbalogan City Division

cecilia.arga@deped.gov.ph

Maiores informações

youtube.com/watch?v=pVL4NxZvYNQ

Chicago

“Alfabetização” em alimentação e agricultura

Erika Allen

Lauralyn Clawson

O Coletivo de Agricultores Urbanos (Urban Growers Collective – UGC) é uma iniciativa da Fundação Growing Power, uma ONG estabelecida em Milwaukee que operou projetos sem fins lucrativos de agricultura urbana e educação por 25 anos, até fechar em 2017. Por todo esse período, Will Allen, fundador e dirigente da Growing Power, inspirou anualmente milhares de visitantes ao lhes permitir ver pessoalmente como um centro voltado para a alimentação pode transformar uma comunidade e inspirar a “Revolução da Boa Comida”.

Em Chicago, o projeto Growing Power foi iniciado em 2002 para atender à necessidade de modelos de sistemas alimentares escaláveis que fossem inclusivos, eficazes e economicamente viáveis. Por meio de muitas parcerias – com a prefeitura de Chicago e a Autoridade Habitacional do município, e ainda com projetos inovadores como o Fresh Moves Mobile Market, Grant Park Potager Farm, South Chicago Farm, desenvolveu o programa Incubator Farmers, que implantou uma horta para jovens na Praça Roosevelt e cultivos comunitários em Altgeld Gardens. Diante do sucesso dessas iniciativas, o governo local mudou sua percepção e passou a promover políticas para viabilizar o acesso à terra para a produção de alimentos ao mesmo tempo em que enfrenta a insegurança alimentar e as questões ambientais urbanas, visando ao desenvolvimento das comunidades locais.

Depois que a Growing Power fechou, a equipe de Chicago comprometeu-se a dar continuidade ao seu legado, desenvolvendo o UGC e aproveitando os 15 anos de sucesso para implementar projetos de agricultura urbana e programas de treinamento na cidade.

Os programas do Coletivo de Cultivadores Urbanos

O UGC demonstra – e apoia – o desenvolvimento de sistemas alimentares comunitários onde os alimentos são produzidos, preparados e distribuídos nas próprias comunidades. Desse modo, as populações vulneráveis se ajudam ao aprenderem a atender às suas próprias necessidades de uma maneira sustentável.

O UGC opera sete áreas produtivas em Chicago, ocupando cerca de 5 hectares localizados principalmente na região sul da cidade. Essas áreas são orientadas para a produção integrada com a educação, o treinamento, o desenvolvimento de lideranças e a comercialização dos produtos alimentares.

São produzidos mais de 7.700 kg de alimentos por ano, vendidos por meio de um mercado móvel (Fresh Moves Mobile Market) e em feiras de produtores locais.

Todos os locais têm demonstrado sua capacidade para a produção de grandes volumes de alimentos e os impactos ecológicos e sociais positivos da agricultura na sociedade em geral.

O UGC enfrenta a insegurança alimentar por meio de vários programas:

- O Fresh Moves Mobile Market usa ônibus convertidos em mercados móveis de produtores que percorrem os bairros onde há maior insegurança alimentar.

- O Farmers for Chicago promove capacidades produtivas e profissionais e inclui os projetos Youth Corps Program (para jovens) e READI (para adultos), treinando cerca de 250 adolescentes por ano e mais de 30 adultos egressos de presídios em atividades que se prolongam por 18 meses.
- O programa Incubator Farmer fornece terra e assistência técnica para novos agricultores na região de Chicago.
- A Head-start Preschool Farm é um local produtivo demonstrativo que atende mais de 150 alunos do pré-escolar e suas famílias.
- O UGC também oferece educação para uma audiência maior por meio de oficinas sobre agricultura, desenvolvimento de pequenos negócios e promoção da equidade entre os participantes e demais membros da comunidade.

Os valores centrais do UGC privilegiam a liderança compartilhada e as tomadas participativas de decisões; a equidade racial, econômica e de gênero; e o bem-estar dos trabalhadores. Todas as pessoas envolvidas testemunham como esses valores produzem programas elaborados de modo bem planejado e holístico, e ambientes produtivos que alimentam e geram prosperidade.

Youth Corps (a Força Jovem)

O programa Youth Corps do UGC envolve e emprega mais de 250 jovens anualmente em várias operações produtivas urbanas. Os jovens vêm de todos os bairros da cidade para participar nas atividades e recebem uma pequena ajuda de custo por sua participação. Eles precisam ter ao menos 14 anos e completado a 8a. série, e podem continuar participando até o último ano da escola secundária (com 18 a 19 anos de idade).

O Youth Corps tem uma taxa muito alta de permanência dos jovens no programa, e muitos decidem continuar participando deles durante todo o nível secundário (4 anos), muitas vezes indicando amigos e parentes para também participarem. Em média, 45% dos participantes dos programas são meninos e rapazes, predominando, portanto, as meninas e moças, sendo a quase totalidade (97%) dos participantes formada por afrodescendentes.

Os locais de cultivo servem como um espaço seguro para os adolescentes explorarem seus interesses, trabalharem coletivamente, compartilharem suas habilidades e aprenderem uns com os outros. Durante o tempo passado nas áreas de plantio, os jovens aumentam sua compreensão sobre muitos aspectos da agricultura urbana e do desenvolvimento de sistemas alimentares locais e comunitários.



Foto: Laurell Sims

Por meio de atividades práticas, os jovens aprendem habilidades técnicas essenciais para a agricultura em ambientes urbanos. Cultivam hortaliças orgânicas, ervas e flores, e participam de todas as fases da produção agrícola. Eles aprendem a produzir composto e preparar canteiros, e como identificar, plantar, colher e comercializar as hortaliças produzidas nos locais. Eles também ajudam nas tarefas de manutenção em geral dos locais, no embelezamento das áreas e no desenvolvimento da infraestrutura.

Em muitas das locações, os jovens também trabalham nos balcões de venda nos próprios locais produtivos, facilitando o acesso a produtos frescos e saudáveis para as suas comunidades, e oferecendo uma janela para as oportunidades econômicas e empresariais que existem no sistema alimentar local.

Além do aprendizado prático nos cultivos, os jovens exploram a ciência por trás da agricultura, por meio de experimentos instigantes em biologia, e participam de atividades ligadas à nutrição, culinária e artes, além de discutirem as políticas de segurança e justiça alimentares.

O programa objetiva promover tanto o treinamento profissionalizante quanto o desenvolvimento de liderança entre jovens, que completam o programa com uma compreensão abrangente sobre o desenvolvimento de sistemas alimentares sustentáveis e com capacidade para aplicar as habilidades que aprenderam na prática em qualquer carreira que possam escolher.

O programa com os jovens está atualmente estruturado em três módulos ao longo do ano, que ocorrem na primavera, no verão e no outono. O programa na primavera tem 10 semanas com 8 horas por semana. E os jovens podem ganhar até US\$ 325. Durante essa fase os jovens participam da escolha dos produtos que irão cultivar e do preparo do solo para os plantios. No verão, o programa oferece duas opções: o “Aprendiz”, no qual os adolescentes trabalham 16 horas durante 6 semanas e podem ganhar até US\$ 420; e o “Aprendizado Avançado”, no qual os jovens trabalham 20 horas por 7 semanas e podem ganhar até US\$ 725.

Durante o verão eles se envolvem com todos os aspectos da produção agrícola local e a colheita é dirigida para as feiras de produtores e os ônibus do Fresh Moves Mobile Market. No outono e inverno, o programa dura 10 semanas de 4 horas por semana, quando os jovens podem ganhar até US\$ 300.

O aprendizado em salas de aula com foco na literatura sobre sistemas alimentares e no treinamento em culinária, bem como na preparação para o ingresso em faculdades, carreiras profissionais e desenvolvimento de microempresas, estimula a produção de artigos com maior valor agregado, como cremes para a pele, ervas secas, misturas de plantas para infusão, sais aromáticos e óleos. A renda dos jovens dependerá naturalmente do sucesso de seus negócios.

Impacto na comunidade

O UGC objetiva criar oportunidades econômicas para os jovens, mitigar a insegurança alimentar e promover o acesso a alimentos nutritivos de alta qualidade, especialmente na região sul de Chicago. Mais de 500 mil pessoas experimentam a insegurança alimentar na cidade, com um número desproporcionalmente grande delas morando nas zonas sul e oeste.

De acordo com a edição de março de 2018 do Chicago Magazine, a região sul de Chicago concentra as 35 comunidades com piores expectativas de vida, com 75% dos moradores fragilizados por fatores sociais e comportamentais – inclusive diabetes e cânceres. Como a nossa organização é liderada principalmente por mulheres afrodescendentes, a justiça alimentar e a melhoria da saúde fazem parte prioritária da sua missão de construir oportunidades no mercado para os produtores, bem como oferecer educação para a comunidade, inclusive a juventude.

Em seu modelo, o UGC oferece não apenas oportunidades de emprego para os jovens, mas também aumenta grandemente a disponibilidade e o acesso a alimentos frescos, saudáveis e apropriados culturalmente em três áreas-alvo: Altgeld Gardens, South Chicago e Roosevelt Square.

Além dos empregos e benefícios na saúde para a comunidade, o UGC é capaz de oferecer um ambiente saudável e estruturado para os jovens se sentirem integrados em suas comunidades.

Nós consideramos que todas as pessoas têm direito a sair de casa e desfrutar de um ambiente bonito e seguro. Na verdade, a violência real e também percebida impede cada vez mais que os jovens tenham bons momentos de diversão e socialização nas ruas, fora de suas casas, principalmente entre as famílias afroamericanas de Chicago.

O sucesso em lidar com traumas decorrentes da violência pode ser radicalmente promovido quando se oferecem espaços seguros e se usa a arte como terapia no processo de superação, especialmente dos comportamentos violentos que muitos jovens enfrentam diariamente.

O UGC reconhece que oferecer aos participantes essa oportunidade pode transformar suas vidas, criando as bases que tendem a beneficiar integralmente as pessoas, com impactos incomensuráveis.

Erika Allen

Co-fundadora, agricultora e diretora de operações do
Urban Growers Collective
(e ex-diretora do Growing Power Chicago)

Lauralyn Clawson

Urban Growers Collective Chicago
urbangrowers.erika@gmail.com

Maiores informações

<https://urbangrowerscollective.org>

Thunder Bay, Ontário, Canadá

Fortalecendo as comunidades e criando empregos por meio da agricultura urbana

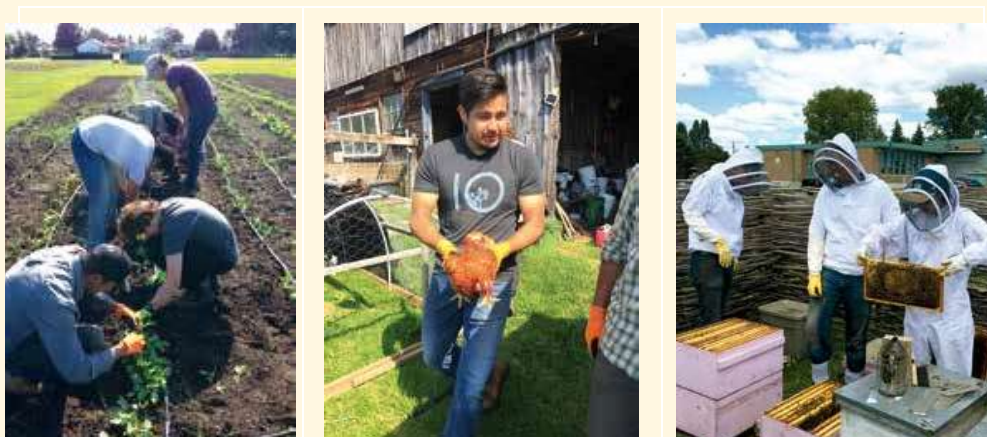
Airin Stephens

Numa manhã úmida e fria no início de maio, dez jovens que formam uma equipe contratada temporariamente dirigem-se a uma área ainda coberta de neve, para dar início ao seu preparo para a estação produtiva que se aproxima. Esse grupo de jovens adultos urbanos de origem indígena ¹, cuja maioria jamais plantou uma semente antes na vida, está reunido para transformar uma área gramada de um hectare num espaço produtivo incluindo um pomar e um apiário. Embora seja grande o entusiasmo, o processo não será fácil. Haverá muitos dias de trabalho estafante sob o sol quente, erros cometidos, sucessos a celebrar, novas amizades criadas e lições de vida a serem aprendidas. Este é o programa SHOW - Seasonal Horticultural Outdoor Worker (Trabalhador Sazonal Hortícola ao Ar Livre) facilitado pela Roots to Harvest no bairro de Thunder Bay, em Ontário, Canadá. Durante 20 semanas, esses dez jovens adultos serão treinados em práticas agroecológicas, se comprometerão com suas tarefas e companheiros de trabalho, e se tornarão mais engajados em suas comunidades.

As raízes de tudo

A Roots to Harvest foi criada em 2007 como uma organização sem fins lucrativos. Ela oferece oportunidades de educação e emprego para os jovens por meio da produção agroecológica e de iniciativas nos sistemas alimentares, especialmente na região de Thunder Bay.

Desde a educação escolar até os cursos de culinária para animadores de hortas comunitárias, a Roots to Harvest provoca as pessoas para serem mais do que meros consumidores, mas se tornarem produtores responsáveis, agricultores comerciais, consumidores conscientes e aprendizes pela vida toda. Ao aceitar este desafio, os participantes desenvolvem suas habilidades para identificar desafios existentes e promover comunidades mais vibrantes e saudáveis. Com a compreensão de que a alimentação desempenha um papel crucial para a saúde, resiliência ambiental e conectividade das comunidades, Roots to Harvest objetiva criar espaços para a descoberta e o aprendizado que podem empoderar as pessoas e torná-las agentes de mudança. A ONG participa de uma rede maior de organizações que trabalham com alimentação comunitária em Ontário e no Canadá, com programas e políticas visando criar um sistema alimentar mais justo e sustentável para todos.



Matthew inscreveu-se no programa SHOW em 2017, aos 22 anos, quando morava na casa dos pais, desempregado, desencorajado e incerto quanto ao futuro de sua vida. Por sua origem de índio nativo em Thunder Bay, ele já havia sido discriminado profissional e pessoalmente. Na mesma época, ele estava cheio de boas ideias e desejoso por aprender. Trabalhando com a equipe do SHOW e enfrentando suas preocupações e hesitações, Matthew encontrou uma ligação não só com o solo e as plantas – cenouras são suas favoritas – mas também com colegas trabalhadores e com a mesma disposição para progredir. Ao participar do programa e aprender tantas coisas relacionadas às plantas e à alimentação, Matthew descobriu também uma comunidade de pessoas com quem compartilhar experiências em comum, e onde o alimento é uma ferramenta para se envolver no mundo num modo significativo. Matthew comentou, “Antes deste trabalho, eu achava que não tinha nenhum amigo ou apoio. Agora eu tenho uma família e pessoas para me relacionar.”

SHOW em ação

Thunder Bay fica a noroeste de Ontário e tem um papel importante na região, como centro regional para muitas comunidades indígenas e outras mais distantes, e como o maior centro urbano a 700 km em cada direção. Muitos dos jovens urbanos enfrentam barreiras sistêmicas de pobreza, desemprego e racismo. Desde 2016 o programa SHOW vem tendo sucesso ao engajar mais de 30 jovens marginalizados em experiências profissionais ligadas aos sistemas alimentares e agroecológicos locais.

O programa SHOW contrata jovens adultos com idade entre 18 e 30 anos por cinco meses, para promover o cultivo de seu sítio agrícola urbano enquanto oferece apoio para outros produtores na região de Thunder Bay. A equipe SHOW dedica quatro dias por semana às iniciativas agroecológicas nesse sítio, e um dia em outros locais, colaborando com pequenos negócios e outras organizações relacionadas com alimentação. Embora produzir alimentos num clima nórdico traga muitos desafios, o sítio urbano da Roots to Harvest produz muitas safras de frutas (cerejas, maçãs, morangos) bem como de hortaliças (cenoura, couve, batata, cebola e beterraba) que são vendidas em mercados semanais e num sistema de agricultura apoiada pela comunidade com entregas semanais. Os produtos também são vendidos para restaurantes locais.

A chave para esse crescimento foi o apoio no trabalho que nunca tivera antes. Usando a agricultura urbana como uma conexão com a terra, a água, as plantas e outras pessoas, Roots to Harvest ajuda as pessoas a se sentirem valorizadas e confiantes, fazerem escolhas saudáveis para suas vidas e se tornarem vetores de sistemas alimentares mais justos e sustentáveis agora e para os anos à frente.

Um participante que trabalhou num restaurante local ligado ao projeto, aprendendo a cozinhar, explicou-nos como essa experiência teve um impacto positivo na sua vida na cidade: “Eu me mudei para Thunder Bay vindo da minha reserva indígena ¹ há três anos, e tinha dificuldade para fazer amigos. Esse trabalho me permitiu fazer bons amigos e me sentir confortável nas outras áreas da cidade. Antes eu nunca frequentava o outro lado da cidade; agora vou de ônibus onde quero, todos os dias.” Outra pessoa comentou sobre o quanto ela aprendeu trabalhando no sítio urbano. “Eu adorei aprender sobre alimentação e compartilhei o que aprendi com minha mãe. Ela agora pensa que eu sou muito esperta... Eu agora sou capaz de instalar e manter minha própria horta, e com certeza vou iniciar uma na próxima estação propícia.”

1 No Canadá, as reservas são áreas especificadas pelo “Indian Act” como de uso e benefício das tribos nativas.

O programa SHOW objetiva empregar as pessoas, e criar um ambiente de trabalho apoiador, focado na dignidade e no respeito, que permita aos participantes conquistar conhecimentos para atender às suas necessidades básicas.

Para melhorar a empregabilidade no longo prazo, os participantes também recebem uma variedade de treinamentos certificados, como primeiros-socorros, manejo seguro de alimentos, bem como oficinas sobre liderança, definição e alcance de objetivos, introdução aos aspectos financeiros, segurança no local de trabalho, e comunicação.

Este treinamento ajuda os participantes a desenvolverem um senso mais forte de si mesmos, compreenderem a importância da segurança financeira, melhorar a saúde física e mental e estabelecer maior conexão com a comunidade.

Eles exploram em profundidade os seus desafios cotidianos. Para alguns, esses desafios são barreiras sistêmicas que vão bem além do que uma pessoa ou uma organização pode fazer.

O sítio urbano se torna um exemplo vivo de como o trabalho duro, o conhecimento e a aquisição de habilidades são vitais, mas – diante da degradação do solo, das infestações de pragas e dos impactos da mudança climática – a perseverança também é indispensável.

Conforme os participantes no programa SHOW aprendem ao longo do tempo, promover mudanças requer não apenas trabalho pessoal, mas também uma ação coletiva mais ampla e uma visão de longo prazo. Mais recentemente, os participantes do SHOW estiveram num evento artístico comunitário com a ativista indígena Christie Belcourt. O envolvimento nessa atividade capacitou-os para aprenderem mais sobre as conexões entre os alimentos, a água, as pessoas e a terra, num modo criativo que alcançou não apenas a mente, mas, igualmente, o coração de todos.



Depois de refletir, Matthew comentou como o conjunto de habilidades recém adquiridas o preparou para o próximo passo: “aprendi novas práticas (preparar o solo, capinar, me comunicar) e a lidar melhor com o dinheiro. Agora estou mais preparado para estabelecer objetivos, e tenho mais equilíbrio entre minha vida social e a profissional, e estou com mais motivação. ”

Minha relação com a família também melhorou. Sinto-me mais confortável com as pessoas e estou decidido a trabalhar com plantas no futuro.” “Meu objetivo para o verão passado foi me mudar da casa de meus pais, e consegui. Levou um tempo, mas acabei conseguindo. ”

Matthew conseguiu um emprego em tempo integral em uma empresa local depois de terminar o programa, e hoje é capaz de aplicar várias habilidades que aprendeu enquanto cultivava alimentos.

O crescimento continua

A temporada de 2018 ainda está em andamento, mas o impacto do programa neste ano já está sendo percebido claramente. Há pouco recebemos com alegria o primeiro refugiado sírio no grupo e as trocas culturais já estão nos enriquecendo.

Embora a Roots to Harvest não vá transformar tudo, é uma importante iniciativa para os seus participantes e para a região de Thunder Bay. É um modelo para outras comunidades que desejam lidar com as várias necessidades de suas populações por meio da criação de espaços comunitários e da geração de empregos significativos.

Airin Stephens

Roots to Harvest

airin@rootstoharvest.org

Maiores informações:

rootstoharvest.org

Vídeo sobre o programa SHOW: vimeo.com/258368387

Tanzânia, Peru e Indonésia

Empoderando o potencial dos jovens para mudanças

Thibault Geerardyn

Duas jovens peruanas estão orgulhosamente de pé em frente a uma banca oferecendo bolo, chocolate, chá e uma boa conversa com qualquer pessoa que queira provar seus produtos feitos em casa. Os produtos são baseados na erva “muña”, uma planta rica em nutrientes também conhecida como menta-dos-andes e encontrada por toda a cordilheira andina. O seu objetivo é tornar a planta mais popular no Peru moderno e promover a cultura local e hábitos saudáveis de alimentação. Com essa iniciativa, as duas jovens estão buscando contribuir para um sistema alimentar mais saudável e sustentável.

Como destravar o potencial – muitas vezes oculto – dos jovens rurais e urbanos? Essa foi a discussão durante o último dia de uma oficina organizada pelo consórcio *Wanted: Food for the Future* (Procurada: Comida para o Futuro), onde os jovens protagonizaram ações para reformatar o sistema alimentar local. O consórcio (formado pela Universidade de Leuven, o grupo varejista Colruyt, a ONG Rikolto, o estado holandês de Flemish Brabant e a Universidade Leuven-Limburg) busca identificar, do ponto de vista multiatorial, uma alimentação “à prova do futuro” (capaz de alimentar mais de 9 bilhões de pessoas em 2050). Os facilitadores da oficina desafiaram os jovens do Peru, Tanzânia e Indonésia a imaginar o sistema alimentar que os nutrirá no futuro. As duas jovens peruanas e sua menta-dos-andes são apenas um exemplo das novas iniciativas criadas no contexto deste projeto, envolvendo rapazes e moças desejosos de controlar melhor um aspecto tão decisivo de suas vidas.

A equipe do projeto acredita que uma abordagem nova e diferente é necessária para engajar os jovens. A co-criação, reunindo diferentes parceiros numa abordagem holística, é considerada fundamental para o processo. Diferentes tipos de jovens são convidados a interagir e colaborar, incluindo agricultores, estudantes universitários e empreendedores.

A metodologia usada nas oficinas é parcialmente orientada pelos princípios da CEAL - *community-based action learning* (aprendizado-ação baseado na comunidade; maiores informações em (ceal.eu) e adaptada para empoderar bem como estimular o empreendedorismo social voltado para a alimentação e a agricultura.



Oficina na Indonésia.

Foto: Rikolto

O principal objetivo é facilitar iniciativas de empreendedorismo social e inspirar os jovens a pensarem sobre variados meios para alimentar uma população mundial crescente e no que será então necessário: por exemplo, como deveriam ser as ligações territoriais urbano-rurais.

Isso pode produzir uma mudança no plano mental, ou uma consciência social que perceba as novas oportunidades além do dogma “business as usual” (negócios como de costume), e agir de acordo com o princípio do “pensar globalmente e agir localmente”.

Durantes as oficinas de quatro dias, divididas em dois fins de semana, os jovens são desafiados a imaginar como o seu sistema alimentar deveria ser no futuro, e a transformar as palavras em ações. De modo colaborativo, os participantes examinam sua área local, usualmente um bairro dentro da cidade, e o seu sistema alimentar. Eles mapeiam o bairro (a localização das ruas e dos negócios ligados a alimentação) e falam com os moradores sobre suas vidas, seus planos e os alimentos que consomem.

Os participantes depois refletem sobre os principais desafios sob diversas perspectivas, e discutem meios para transformá-los em oportunidades. Levando em consideração conjuntos de habilidades e a motivação intrínseca, os grupos são organizados em torno de algumas ideias. O último passo é implementar de fato a inovação.

Os participantes têm a semana entre os dois módulos da oficina para fazerem um protótipo: um litro de adubo orgânico, por exemplo, ou dez bananas achocolatadas, uma armadilha para moscas feita de materiais reciclados ou o projeto gráfico de uma marca ou rótulo.

Finalmente, eles apresentam suas ideias e protótipos para a comunidade local, inclusive aos comerciantes, agentes do governo e moradores, de modo a receber *feedback* e apoio. Dois co-organizadores das oficinas na Indonésia e no Peru compartilham neste artigo a sua experiência e o que aprenderam durante esse processo.

Novas maneiras de colaboração e criação de valor

Olivia Purba, de Rikolto, Indonésia:

Na Indonésia, temos uma população marcadamente jovem, com mais da metade com idade inferior a 30 anos. Com 250 milhões de pessoas para alimentar, o país necessita da energia e do entusiasmo da juventude para encontrar soluções para os desafios que enfrentamos em termos de alimentação, enquanto se preparam para as necessidades e exigências do mundo profissional.

Aproveitando a oportunidade, estabelecemos uma parceria com o programa Food for the Future para organizar uma oficina de empreendedorismo social para 36 jovens da cidade de Ende, na ilha de Flores. A ilha está enfrentando problemas com a qualidade, a distribuição e o abastecimento dos alimentos, apesar do grande potencial de seus recursos naturais. Focando na juventude e na co-criação, envolvemos estudantes universitários e jovens agricultores para encontrar soluções.

Após dois fins-de-semana compartilhados, os participantes estabeleceram relações pessoais dentro do grupo e com outros atores do sistema alimentar local, aumentando sua compreensão das várias perspectivas e realidades diferentes que convivem no contexto territorial.

Essa abordagem criativa, bem prática e de baixo para cima, permitiu que os jovens desenvolvessem soluções adequadas para as necessidades locais, equilibrando os fatores sociais, ambientais e econômicos.

No último dia da segunda oficina, todos os participantes apresentaram um protótipo de sua ideia de negócio. Algumas delas são muito inovadoras em sua simplicidade, combinando recursos já disponíveis com as necessidades locais para agregar valor para toda a comunidade.

Os exemplos incluem adubos orgânicos, lanches de banana com chocolate, um esquema de transporte que liga diretamente os produtores com os restaurantes, e um sistema criativo de irrigação por gotejamento para os produtores locais.

Lanchinhos saudáveis de banana e chocolate

A ideia surgiu de um levantamento no mercado local, conversando com produtores de banana e de cacau, e com a comunidade em geral. O grupo integrou suas descobertas até chegar a um produto. Primeiro, verificaram os preços sempre cadentes da banana, e que um produto novo baseado na fruta poderia revalorizá-la no mercado local. A seguir os membros do grupo perceberam que, embora a região produzisse muito cacau, ele não era transformado localmente em chocolate ou noutros produtos. O processamento local agrega valor a um produto e beneficia a comunidade ao lhe oferecer oportunidades de trabalho e renda, além de diversos produtos ao longo de novas cadeias curtas regionais. Por essas razões, o grupo decidiu começar a produzir lanchinhos feitos de banana e chocolate, experimentando nas cozinhas de suas casas e testando diversas receitas. Na semana seguinte, os participantes trouxeram seus produtos-pilotos para que todos pudessem prová-los e dar sua opinião.

Os outros interessados que participaram do processo, como representantes do governo local, palestrantes e empresários, ficaram muito entusiasmados, fazendo muitas perguntas e mostrando grande interesse em colaborar mais com esses jovens empreendedores. Isso demonstra que novas oportunidades de negócios surgem quando os jovens agem como facilitadores entre as partes interessadas para promover sistemas alimentares mais fortes, diversificados e adaptados localmente.

Menos conversa, mais ação

Louise Rose, de Rikolto, Peru

Uma das principais percepções que ganhamos nas oficinas Food for the Future é o valor de transformar palavras em ações.

No último ano participamos de várias oficinas de fins-de-semana em Lima com jovens produtores de cacau. Foi realmente interessante e muito diferente dos eventos aos quais os agricultores estavam acostumados, onde, embora eles pudessem conectar-se com pessoas e dinâmicas dentro de um contexto urbano, os novos empreendimentos não iam além da fase inicial da conceituação.

Uma das razões para isso era a distância física que separa os jovens depois que eles retornavam às suas casas, em suas comunidades.

Em contraste, quando eles participaram nas oficinas Food for the Future, após apenas dois dias, eles já tinham desenvolvido um protótipo de suas ideias e criado alguns produtos para mostrar ao público, vender ou doar.

Além do aspecto do empoderamento dessa realização física, ela os faz entender que é possível fazer realmente alguma coisa mesmo com orçamento e tempo limitados, e começando pequeno.

A segunda percepção é que oportunidades reais de trabalho são oferecidas no contexto local, além da compreensão teórica do sistema alimentar. Os participantes precisaram sair às ruas e perguntar na comunidade local questões como – Que problemas vocês estão enfrentando atualmente em relação à agricultura e à alimentação? Quais são as suas necessidades e onde vê oportunidades?

O ponto de partida na busca por soluções e ideias foi, portanto, baseado em um conjunto grande e diversificado de informações e experiências. Começando com as necessidades da população, eles experimentaram uma nova forma de desenvolver ideias; não apenas a partir do que eles querem fazer, mas também do que as pessoas precisam que eles façam.

A experiência foi um grande sucesso. Em colaboração com estudantes universitários, jovens produtores e a comunidade em geral, os participantes criaram iniciativas com grande potencial.

Estamos atualmente sistematizando a metodologia e adaptando-a para a realidade das cooperativas de produtores.

Considerações gerais:

- Criar espaços abertos e seguros para os jovens se expressarem e experimentarem.
- Focar num contexto específico e nas experiências e conexões existentes nesse contexto.
- Novos empreendimentos precisam incluir uma variedade de pessoas, opiniões e habilidades.
- A co-criação envolvendo vários atores e a comunidade promove maior compreensão entre as partes envolvidas num sistema alimentar segmentado.
- Abordar as diferenças entre as gerações e os níveis de desenvolvimento territorial (diferenças entre as áreas urbanas e rurais) como oportunidades positivas para trocas e crescimento.
- A flexibilidade mental dos jovens é ideal para facilitar ambientes multiatorais e lidar de modo integrado com as diversas necessidades.

Thibault Geerardyn

Rikolto (Wanted: Food for the Future)

thibault.geerardyn@rikolto.org

Quito, Equador

Agricultura urbana e mais empregos para os jovens

Laine Young

Alexandra Rodriguez

Com a crescente urbanização e a contínua migração das áreas rurais para as urbanas, a agricultura e os sistemas alimentares dentro e ao redor das cidades desempenham um papel importante na geração de renda – especialmente para os jovens. Reconhecer esses fatos e a presença de barreiras que prejudicam a empregabilidade dos jovens é essencial nas abordagens que focam no “sistema alimentar urbano-regional” - (City Region Food System – CRFS). Quito, Equador, é uma cidade que também enfrenta a expansão urbana e o desemprego entre jovens, e o projeto AGRUPAR tem revelado potencial para mitigar os desafios envolvidos recorrendo à agricultura urbana (UA).

O emprego para jovens no Sul global

A juventude compõe uma grande parcela da população urbana dos países em desenvolvimento, com um total global de 1,8 bilhão de pessoas com idade entre 10 e 24 anos (Kundeya, 2018). O relatório do Banco Mundial sobre empregos para jovens na África subsaariana informa que, no geral, jovens e mulheres vivendo na pobreza, ou provindo de famílias pobres, estão em maior desvantagem para encontrar emprego por que frequentemente têm menos conexões e redes (Filmer & Fox, 2014). Além de encontrar um emprego, os jovens também compartilham a expectativa adicional de iniciar uma família ao ingressarem na vida adulta. E as mulheres jovens permanecem ocupando os empregos mais mal remunerados.

O relatório do Banco Mundial enfatiza a necessidade de educação, o desenvolvimento de habilidades e o acesso a recursos para os jovens poderem empregar seu potencial e obter sua independência. Para a geração de empregos agrícolas, é necessário haver acesso à terra e a financiamento, e, para outros setores da cadeia alimentar, o foco precisa incluir ainda a infraestrutura, bem como o acesso a recursos financeiros.

A Biofeira em Carolina numa movimentada manhã de sábado. Foto: Laine Young



É possível lidar melhor com esses fatores que influenciam o desenvolvimento juvenil quando se adota a abordagem “Sistemas Alimentares Urbano-Regionais” (City Region Food Systems – CRFS).

Esta abordagem integradora promove o desenvolvimento programas e políticas ao longo das várias escalas, e inclui as diversas partes interessadas, de modo a oferecer uma “voz coletiva para os atores do setor alimentar” (Blay-Palmer et al., 2018).

De acordo com Blay-Palmer et al. (2018), ligações rural-urbanas mais fortes podem melhorar a segurança alimentar, aumentar oportunidades para as famílias e melhorar as condições ambientais.

A abordagem CRFS objetiva promover sistemas alimentares mais sustentáveis (ver a edição 29 desta Revista) e está relacionada com acordos internacionais como os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, o Pacto de Milão sobre Políticas de Alimentação Urbana e a Nova Agenda Urbana. A incorporação das questões de gênero no desenvolvimento do marco metodológico e das ferramentas da abordagem CRFS é um ponto crítico para assegurar a equidade entre homens e mulheres.

Akinnifesi (FAO, 2018) acredita que a migração rural-urbana de jovens pode ser reduzida tornando-se a agricultura mais atraente para a juventude. Ele vê um grande potencial para transformar a agricultura, de uma atividade típica para quem vive na pobreza para uma oportunidade de carreira promissora para quem está adentrando a maturidade, capaz de reduzir a pressão migratória e aumentar a disponibilidade de alimentos nos espaços urbanos.

A AU também pode oferecer muitos benefícios ao longo da cadeia de valor rural-urbana, desde a produção até o consumo. Quem participa da AU pode não apenas vender alimentos frescos nos mercados, mas também transformá-los em outros produtos. Em Quito, por exemplo, os produtores urbanos vendem produtos processados, com maior valor agregado, como feijões e frutas secas, molhos, pães, lanchinhos e geleia para consumidores, mercearias e restaurantes.

Em 2010, a população da área urbana de Quito alcançava 1,6 milhão de habitantes, enquanto que todo o Distrito Metropolitano de Quito (DMQ) incluía aproximadamente 2,2 milhões de pessoas (MDQ, 2016). Mais da metade dos moradores de Quito tinha menos de 29 anos de idade (INEC, 2010). De 2011 a 2016, a área urbanizada aumentou 11% apesar do planejamento e regulamentos municipais; reunindo 72% dos habitantes do DMQ. A população restante do Distrito estava localizada nos vales e áreas rurais. Da população urbana, 30% viviam na pobreza e 7% em extrema pobreza. A taxa de desemprego era de 5%, mas o desemprego entre os jovens atingia 60% (INEC, 2015) e o subemprego afetava praticamente todos os demais 40% (MDQ, 2016).

Emprego juvenil na agricultura urbana de Quito

Em Quito, o projeto AGRUPAR de agricultura urbana é conduzido pela Agência de Desenvolvimento Econômico CONQUITO. Os objetivos do projeto são aumentar a segurança e a soberania alimentar, promover a inclusão social, aumentar o nível de renda e emprego, e oferecer gestão ambiental por meio da sustentabilidade e promoção da resiliência das populações mais vulneráveis. Isso é realizado por meio de treinamento e apoio oferecidos aos produtores, oportunidades de microcrédito, educação sobre nutrição e alimentação saudáveis, construção de infraestruturas e promoção da cadeia de valor da agricultura urbana na cidade. Com o sucesso do projeto AGRUPAR, veio também a melhoria das condições econômicas de muitas famílias de Quito.

Em média, participar do projeto possibilita que cada produtor gere US\$ 175 de renda extra por mês, o que é 2,5 vezes maior do que as bolsas-auxílio locais de assistência social. Aproximadamente 84% dos participantes do AGRUPAR são mulheres, e 8 % têm entre 18 e 34 anos de idade. As mulheres reportaram – muito mais que os homens – um aumento em sua renda mensal graças à participação no projeto. Essa é uma importante informação para assegurar que as experiências vividas sejam incluídas no futuro desenvolvimento do programa AGRUPAR.

A juventude é especialmente vulnerável à pobreza e insegura com relação à geração de renda – desafios evidenciados no fato de constituírem os jovens 60% de todos os desempregados na cidade (INEC, 2015).

A participação de jovens no projeto AGRUPAR, que hoje representam 8% do total de participantes, pode ser aumentada analisando-se as suas experiências e adaptando o projeto na direção das necessidades específicas desse grupo-alvo. É importante compreender as experiências vividas por esses jovens e como elas podem afetar sua capacidade para trabalhar na agricultura urbana ou noutros setores.

As experiências dos jovens com inequidade ou assimetria nas relações de poder estão conectadas com várias identidades sociais que se interpenetram: gênero, raça, etnia, classe e habilidades, entre outras.

Foto: Laine Young



Quito está trabalhando atualmente numa política alimentar que busca melhorar o acesso (temporário) a áreas públicas municipais disponíveis para a prática da agricultura urbana pelos grupos mais vulneráveis, especialmente os jovens. Essa proposta revaloriza a agricultura urbana como um meio de vida digno na cidade. O acesso a esses lotes vazios disponíveis exige uma revisão das normas atuais. Desde 2015 a cidade está envolvida em estudos de CRFS em parceria com a RUAF e a FAO (Blay-Palmer et al., 2018).

O projeto AGRUPAR implementa a abordagem CRFS em Quito, estimulando as ligações urbano-rurais na região e permitindo que áreas produtivas maiores e diversificadas abasteçam a cidade.

Comentários finais

As cidades precisam criar oportunidades de trabalho e renda para os jovens. Como a população juvenil já é imensa e a urbanização continua crescendo, o tempo de mudar é agora. Projetos como o AGRUPAR podem ajudar a mitigar a vulnerabilidade dos jovens nas áreas urbanas ao reduzirem barreiras e aumentarem as oportunidades de emprego.

Os sistemas alimentares urbano-regionais e a participação da AU podem permitir à juventude oportunidades na transição para a vida adulta, e melhorar suas condições de vida. Devemos assegurar que no futuro as soluções propostas sejam planejadas para incluir aqueles que estão marginalizados e envolver também os jovens nos processos de tomada de decisões, para garantir que suas vozes sejam escutadas na superação local desse problema global.

Laine Young

Laurier Centre for Sustainable Food Systems

Layoung@wlu.ca

Alexandra Rodriguez

AGRUPAR, Quito, Equador

Programa participativo de agricultura urbana em Quito conquista Future Policy Silver Award

O Future Policy Award (Premiação para Políticas do Futuro) é o único prêmio em nível internacional dedicado a prestigiar políticas públicas voltadas para a sustentabilidade a longo prazo. Em parceria com a FAO e o IFOAM – Organics International, em 2018 o Future Policy Award premiou as melhores políticas ligadas à agroecologia e aos sistemas alimentares sustentáveis que contribuem para a proteção ambiental, oferecer meios de vida digna aos pequenos agricultores, assegurar a produção sustentável de alimentos e promover práticas agrícolas resilientes diante de eventos climáticos adversos.

Com mais de 3.600 hortas urbanas ocupando 32 hectares e mais de 21 mil pessoas treinadas, o programa AGRUPAR promove a segurança alimentar, aumenta a renda das famílias e fortalece as funções ecossistêmicas locais.

Referências

- Akinnifesi, F. (2018). Can sustainable agriculture mitigate massive youth migration in Africa? Impakter. FAO. Retrieved from: <https://impakter.com/sustainable-agriculture-help-youth-migration-inafrica/>
- Blay-Palmer, A., Santini, G., Dubbeling, M., Renting, H., Taguchi, M., & Giordano, T. (2018). Validating the City Region Food System Approach: Enacting Inclusive, Transformational City Region Food Systems. *Sustainability*, 10(5), 1680.
- Environmental Secretary MDQ (2016). Environmental atlas: Sustainable Quito. Municipality of Quito.
- Filmer, D. & Fox, L (2014). Overview: Youth Employment in Sub-Saharan Africa. Washington, DC: World Bank.
- INEC (2010, 2015). Census data for Quito. Retrieved from: <http://www.ecuadorencifras.gob.ec/institucional/home/>
- Kundeya, S. (2018). Youth empowerment and sustainable development: Why is it important to address youth unemployment in the New Urban Agenda? World Urban Forum.
- MDQ, 100 RC (2016). Resilient Quito: Resilience strategy, Metropolitan District of Quito. Municipal Press.

Brasil

Preparando os jovens para um futuro desafiador

Joaquim Moura

Entre os desafios que a humanidade enfrenta, dois se destacam entre todos os demais: 1) assegurar que o solo seja capaz de produzir alimentos nutritivos para bilhões de pessoas e 2) envolver os jovens na gestão de um futuro particularmente ameaçador. Este artigo descreve um projeto no Brasil onde a agricultura urbana é usada para envolver holisticamente os jovens em questões relacionadas à alimentação, gestão dos resíduos orgânicos, geração de renda e sustentabilidade das comunidades.

O contexto

O Brasil, juntamente com a China e os Estados Unidos, é um dos três países ao mesmo tempo entre os cinco maiores e os cinco mais populosos do mundo, com uma área de 8,8 milhões de km² e 220 milhões de habitantes. Porém, diferentemente dos outros dois, o Brasil não tem nem a organização nem os recursos financeiros para lidar com seus crescentes problemas.

Suas imensas áreas agrícolas o tornaram um dos maiores exportadores mundiais de alimentos, e o valor incomensurável de suas florestas, reservas de água doce e biodiversidade são especialmente importantes para o meio ambiente global.

Entretanto esses preciosos recursos estão em risco, e a sociedade enfrenta problemas crescentes que podem ser vistos como consequência de uma educação enfraquecida e uma cultura comercializada, que alimentam desafios como a corrupção, a violência, a degradação ambiental.

A juventude e a agricultura

Muitos jovens brasileiros enfrentam problemas ligados às drogas, gravidez precoce, violência, evasão escolar e delinquência juvenil. E parece que a maior parte da juventude nunca esteve tão alienada das questões ligadas ao ambiente, à economia e à alimentação.

São muito poucos os jovens que percebem que precisarão participar ativamente nos sistemas alimentares que abastecem as cidades onde vivem se quiserem consumir comida saudável e evitar doenças ligadas à má nutrição.

A maioria não imagina que ser um agricultor – mesmo que um agricultor em tempo parcial – pode ser a melhor escolha para serem capazes de alimentar a si e aos seus, melhorar a vizinhança e talvez gerar alguma renda. Levá-los a pensar sobre essa situação e ajudar suas comunidades a se tornarem mais produtivas quanto à alimentação são os principais objetivos do projeto descrito a seguir.



Transformando os resíduos escolares em adubo, em Bocaina de Minas

O projeto

O projeto está sendo implementado em seis escolas-pilotos localizadas em três dos trinta municípios que integram a Área de Proteção Ambiental (APA) Federal da Serra da Mantiqueira – um *hotspot* ambiental situado entre os três estados mais importantes do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (ver Figura 1).

Figura 1: Em verde, os trinta municípios que compõem a APA da Mantiqueira, um *hotspot* ambiental cobrindo 4.480 km².



As atividades do projeto começaram em 2014, sem qualquer recurso financeiro. O projeto depende, portanto, dos recursos institucionais e do compromisso e apoio voluntários de professores interessados que colaboram nessas atividades, não previstas em seus deveres regulares.

A equipe é formada por mim mesmo, um amigo agrônomo, e alguns educadores: principalmente uma professora de biologia em Bocaina de Minas MG, e o diretor pedagógico da Secretaria de Educação de Resende RJ. Em Delfim Moreira MG, a Secretária de Agricultura e Ambiente também apoia o projeto.

Outro objetivo é criar uma rede ligando os estudantes na área da Mantiqueira e além, e desenvolver suas habilidades enquanto ajudam suas comunidades a lidarem com os desafios socioambientais atuais e futuros, começando pela compostagem, a horticultura e o trabalho em equipe.

A metodologia dos “grupos de práticas socioambientais”

Para alcançar os objetivos do projeto, visitamos escolas e secretarias de Educação e/ou de Ambiente na região para motivar os educadores a adotarem uma proposta que combina educação ambiental, agricultura urbana e desenvolvimento juvenil. Com a concordância da direção da escola, e tendo identificado algum professor motivado que atuará como um contato local e facilitador das atividades, podemos começar nossas atividades.

Colocamos cartazes motivadores na escola, realizamos uma apresentação e convidamos os estudantes a formarem um grupo para desenvolverem projetos em conjunto.

A principal diferença entre a nossa metodologia e as usuais é que trabalhamos com os estudantes interessados em grupos organizados como “comunidades de práticas”, ao invés de querer atuar com “todo mundo junto”, indiscriminadamente, que acreditamos ser pouco efetivo.

A primeira atividade extracurricular dos grupos é sempre a compostagem dos resíduos orgânicos da cozinha e cantina escolares. A compostagem é facilmente compreendida pelos estudantes e uma prioridade óbvia, pois interliga os resíduos com a fertilidade do solo, a alimentação, a saúde e a geração de renda.

A seguir, o grupo decide quais outras atividades vão desenvolver, como aprender a cultivar uma horta ou planejar e implementar outros projetos socioambientais.

As atividades do projeto não estão limitadas à agricultura; elas também focam em outras dimensões do desenvolvimento holístico dos jovens, incluindo as “artes democráticas”, como aprender a trabalhar em grupo, levantar as necessidades de suas comunidades, elaborar projetos, levantar fundos, monitorar o progresso dos projetos, avaliar e divulgar resultados e replicar os processos.

A educação ética e as práticas corporais também são elementos fundamentais, para fortalecer o caráter e a capacidade física dos estudantes.

Os estudantes têm oportunidade para desenvolver seus interesses em comunicação, ciências, gestão, comércio, artes, computação, design, educação ou qualquer área do conhecimento ou campo profissional.

Várias áreas didáticas estão incorporadas, ao discutirem os materiais orgânicos incluídos no composto, alguns ricos em carbono, outros ricos em nitrogênio (química, biologia); medindo o volume de resíduos desviados do aterro municipal e o dinheiro economizado (matemática, economia, gestão municipal, legislação ambiental); escrevendo e diagramando um folheto (português, comunicação, design); produzindo um vídeo (computação, trabalho em equipe, redação de texto, artes) ou pesquisando métodos de compostagem em escolas no exterior (inglês).

Geração de renda

Ganhar dinheiro é um incentivo poderoso para os estudantes participarem das atividades, e oferece outras oportunidades de aprendizado, como criar e implementar um plano de negócios e desenvolver suas habilidades empreendedoras e profissionais.

Porém as escolas públicas brasileiras não podem desenvolver atividades com fins comerciais. Quando os grupos estiverem mais organizados, precisarão demandar uma licença institucional para poderem cultivar hortaliças nas escolas e vendê-las a suas famílias e educadores – não como uma iniciativa visando lucro, mas como uma atividade pedagógica. Uma alternativa poderá ser cultivar e vender os produtos fora da escola, em grupos, em áreas comunitárias ou pertencentes a suas famílias – embora outros problemas possam surgir, como roubo e vandalismo.

Resultados

O projeto começou há três anos. Cada uma das seis escolas-piloto envolvidas desenvolve seu grupo de acordo com seu interesse e ritmo. O grupo mais ativo e avançado é de uma escola estadual em Bocaina de Minas, justamente a última a ingressar no projeto. Essa diferença na velocidade resulta da facilidade de comunicação entre a professora de biologia e o facilitador do projeto – o fato de morarem perto permite constante feedback.

Em Bocaina de Minas os estudantes criaram um vídeo, e em Delfim Moreira, um folheto, ambos sobre compostagem. Em Roma, uma escola criou um folheto adaptado do nosso projeto para estimular as famílias de seus estudantes a também compostarem seus resíduos orgânicos. As atividades em Bocaina são documentadas e compartilhadas pelos estudantes no “Grupo de Práticas Serra da Mantiqueira” do Facebook, para promover feedback e replicações.



A professora Thais observa um estudante adicionar esterco no composto.

Conclusão

Estamos ganhando experiência, identificando educadores comprometidos e reunindo os alunos e voluntários interessados. Mais recentemente novas escolas mostraram-se interessadas em participar de nossa rede.

A metodologia que usamos não custa nada, pois os recursos já estão lá: os estudantes, os educadores e os resíduos orgânicos.



Professora Thais, três voluntários e o Grupo de Práticas da Escola Estadual de Bocaina de Minas.

A metodologia é facilmente replicável por meio de uma rede crescente, via internet, no Brasil e mesmo além. Estamos interessados em contatar outras pessoas que trabalham nessa interface que liga agricultura urbana e desenvolvimento juvenil, no Brasil ou no exterior.

Joaquim Moura

Grupo de Trabalho de Resíduos Sólidos do
Conselho Consultivo da APA da Serra da Mantiqueira
jmoura@agriculturaurbana.org.br

- [Artigo original](#) (em inglês)
- [Edição 35 da Urban Agriculture Magazine](#) completa, em inglês

China e Nepal

Migração juvenil e oportunidades para a agricultura periurbana

Fraser Sugden
Chen Fengbo

Embora a emigração dos campos para as cidades e para o exterior tenha sido sempre um fato comum na vida das comunidades agrícolas periféricas no Sul global, nas últimas décadas tornou-se um componente central nos meios de vida de muitas famílias, que recebem de parentes que vivem fora quantias muitas vezes superiores aos rendimentos do seu próprio trabalho produtivo no setor rural. Em 2017, de acordo com a Organização Internacional para a Migração, 250 milhões de pessoas viviam fora de seus países de nascimento – um número que aumentou 69% desde 1990. Além deles, há ainda os 740 milhões de migrantes internos, de acordo com a estimativa da FAO, geralmente se mudando do campo em direção das cidades.



Produção de frutas em Zengcheng, no cinturão periurbano a leste de Guangzhou. Embora o mercado urbano seja significativo, o investimento de capital é alto. Foto de Chen Fengbo

Narrativas da migração rural no Nepal e na China

As causas da migração se tornam cada vez mais complexas, e a decisão de abandonar o local de origem surge geralmente da convergência de mudanças econômicas e culturais que ocorrem nas comunidades. O Nepal e a China, embora vizinhos, aparecem radicalmente divergentes quando se consideram seus caminhos recentes de transformação econômica, agrária e política.

De qualquer modo, o que acontece nas áreas rurais é notavelmente similar quando se trata de mudanças demográficas. As experiências compartilhadas descritas aqui foram reveladas por meio de pesquisa realizada pela Universidade de Agronomia do Sul da China e pelo Instituto Internacional de Gestão da Água (Programa Água, Terra e Ecossistemas) entre 2014 e 2018.

Ambos os países têm presenciado o esvaziamento das áreas rurais nos últimos 20 anos, sendo os jovens os principais atores. O setor agrário das duas regiões sofre uma crise de mão de obra, com a força de trabalho envelhecendo ou adoecendo, e o conhecimento agroecológico se perdendo. Existem diferenças, principalmente com relação à direção dos fluxos. Na China, a maior parte dos migrantes rural-urbanos dirigem-se para as cidades costeiras, enquanto que no Nepal eles rumam para as cidades dos países do Golfo Pérsico ou da Índia. Na China, a migração frequentemente inclui jovens de ambos os sexos, enquanto que no Nepal são principalmente os rapazes que se mudam – embora essa situação venha mudando aos poucos.

Na pesquisa, porém, as similaridades nas narrativas relacionadas com os motivos para migrar tornaram-se aparentes. Nas montanhas a leste do vale de Chirkhuwa, no Nepal, a dificuldade para subsistir a partir da agricultura tem sido um desafio por gerações, e com as pressões climáticas se agravando, a necessidade de fontes alternativas de renda vem crescendo. Existem também outras mudanças, mais complexas. A economia se modificou com a expansão da rede rodoviária. Como resultado, as famílias rurais se queixam da alta no custo de vida, inclusive no preço da comida e outros artigos necessários, bem como apontam as pressões sobre a atividade agrícola em si, como o clima cada vez mais errático, os preços crescentes dos fertilizantes, do combustível e de outros insumos. Outras razões incluem a dificuldade para ter acesso à terra para plantar, a necessidade de prover educação para os filhos e ganhar dinheiro para pagar o dote para suas filhas casarem. A cultura crescente do consumismo também é um fator, com a geração mais jovem aspirando gastar sempre mais dinheiro em bens industrializados e em luxos como roupas importadas, bebidas alcoólicas produzidas por grandes indústrias e acessórios para os seus celulares.

Em Gaozhou e Dianbai, nas suaves montanhas da província chinesa de Guangdong, as respostas foram notavelmente semelhantes. As crescentes dificuldades com a produção agrícola foram citadas como um obstáculo fundamental a encorajar a migração, embora – dada a excelente infraestrutura de irrigação existente nessa parte da China – o clima não tenha sido considerado uma preocupação importante. Em vez disso, muitas famílias, como no Nepal, estão preocupadas com a espiral ascendente do custo de vida numa economia cada vez mais monetizada. Não apenas os preços dos insumos agrícolas têm subido; por causa da expansão do mercado também estão acontecendo mudanças no comportamento e desejos dos consumidores, especialmente dos mais jovens.

Por exemplo, as pessoas falam da demanda crescente por bens de consumo, além do desejo por uma casa melhor, e do estilo de vida urbano atraindo irresistivelmente os jovens migrantes. O custo crescente da educação e dos cuidados com a saúde também foi mencionado.

Migração, remessas e agricultura

Embora os migrantes enviem sistematicamente recursos financeiros para parentes que vivem nas suas vilas natais, no vale nepalês de Chirkhuwa e nas montanhas chinesas de Guangdong, poucos migrantes ou beneficiários das remessas investem os recursos no setor agrícola. Apenas poucos respondentes em ambos os locais informaram que haviam usado a migração como uma oportunidade de gerar capital para investir no setor agrícola (no caso do Nepal), em equipamentos e melhorias na terra. Isso se deve em parte à falta percebida de lucratividade na agricultura, e também numa percepção cultural predominante no Sul global: a agricultura tem sido desvalorizada como ocupação profissional. Esse fenômeno vem sendo agravado pela mídia e pelo sistema público de educação, e por causa da busca crescente pelos estilos de vida urbanos. Para os migrantes de Dianbai e de Gaozhou, os trabalhos a que têm acesso são geralmente mal remunerados e desafiados pelo custo de vida crescente.



Nas colinas a leste de Guangdong, na China, a agricultura é cada vez mais um domínio da geração mais velha. Fotos de Fraser Sugden



Hoje, os meios de subsistência no vale de Chirkhuwa, no distrito de Bhojpur, no Nepal, dependem muito das remessas que chegam do exterior.



A floricultura comercial é uma das muitas agroindústrias de valor mais alto desenvolvidas pelos migrantes no vale de Kathmandu, no Nepal.



Empresas que atendem a nichos valorizados dos mercados urbanos, como a criação de tartarugas, podem oferecer lucros significativos para a juventude em toda a China.

Nas montanhas a leste do Nepal, os migrantes que chegam aos centros urbanos enfrentam desafios semelhantes com relação ao custo de vida, e aqueles que vão para o exterior pagam altas quantias para as agências de emprego para conseguir uma colocação. As taxas bancárias e fiscais consomem parte significativa das remessas para os locais de origem, e, como resultado, em ambas as regiões onde vivem sobra geralmente pouco dinheiro depois que os gastos com comida, saúde e educação foram cobertos – e o pouco que sobra é gasto com bens de consumo.

A agricultura periurbana como alternativa promissora para os jovens migrantes?

Aproximadamente 500 km a leste do vale de Chirkhuwa, na região de Katmandu, entre fábricas e moradias, os campos estão tomados pela produção intensiva de hortaliças e frutas para o mercado, muitas vezes dentro de estufas cobertas por plástico, e também pela criação de animais, para abastecer o rápido crescimento populacional das cidades gêmeas de Katmandu e Patan,

Similarmente, a seis horas de carro a oeste de Maoming fica o delta do Rio Pearl, o coração da China industrial. Aqui, numa escala muito maior, apesar da rápida urbanização da região, o cinturão verde entre as cidades de Guangzhou, Donguan e Shenzhen inclui terras agrícolas férteis e ricas – porém, novamente, dominadas por cultivos intensivos de produtos agrícolas mais valorizados.

A questão que se coloca, então, é se – nesse contexto – a agricultura periurbana oferece uma oportunidade para os jovens migrantes.

Investimentos na agricultura periurbana poderiam potencialmente criar oportunidades para geração de renda independente e regular para os migrantes rurais, como uma alternativa à dependência de trabalho inseguro e casual.

A agricultura no contexto urbano e periurbano pode oferecer a esses migrantes a oportunidade de mobilizar um rico conhecimento agroecológico trazido das áreas rurais, e ao mesmo tempo aproveitar a grande e crescente demanda dos consumidores das cidades por produtos agrícolas locais. Uma situação bem diferente do que ocorre em muitas áreas rurais, onde o mercado local é pequeno e os custos de transporte podem ser proibitivos para ir vender os produtos em lugares mais distantes.

As oportunidades na agricultura urbana poderiam oferecer aos jovens nepaleses uma alternativa aos riscos e custos de ir buscar emprego no exterior, e, na China, onde os lucros são potencialmente ainda mais altos, constituir-se numa via para conquistar melhores condições de vida,

Desafios consideráveis permanecem. No vale de Katmandu, o custo para arrendar uma área para plantar explodiu nos últimos anos. Muitas das estufas cobertas com plástico e das safras cultivadas na periferia urbana são iniciativas de “migrantes”, principalmente empreendedores mais bem-sucedidos e horticultores mais habilitados que arrendam as terras do povo Newar, tradicional na região. Eles trazem consigo capital e a capacidade para enfrentar riscos e empregar um grande número de trabalhadores. Igualmente intensiva, no delta do rio Pearl a maior parte dos agricultores produz comercialmente, e em maior escala.

Mas também surgem oportunidades em áreas arrendadas nas vilas das periferias urbanas, onde se concentram os migrantes vindos de outras províncias. Em Zengcheng, a 50 km de Guangzhou, as áreas montanhosas são usadas na produção de lichi, fruta-dragão, uva-verde e outros cultivos com maiores lucros e giro mais rápido. Alguns produtos são vendidos nas cidades próximas e noutras partes da China, usando a internet. Algumas regiões diversificaram, explorando o agroturismo, e os governos locais têm oferecido apoio financeiro para esses empreendimentos. Considerando-se que muitos dos moradores locais originais nessas áreas periurbanas encontram salários melhores nas cidades, os migrantes vindos de áreas mais pobres, como a província de Guangxi e o norte de Guangdong, vêm para ocupar esse nicho. Embora, novamente, os investimentos adequados de capital sejam quase sempre proibitivos para esses migrantes mais pobres.

A agricultura periurbana e a importância das cidades menores

Se a agricultura periurbana é capaz de oferecer oportunidades aos migrantes, também é importante considerar as vilas menores conectadas às vias de transporte e têm um mercado consumidor crescente, apresentando maior disponibilidade de áreas cultiváveis e arrendáveis a preços menores.

Por exemplo, nas pequenas cidades em torno de Maoming, em Guangdong, alguns retornados investiram em empresas de nicho, voltadas para produtos de valor muito alto, como a produção comercial de tartarugas. No Nepal, granjas de produção de frango estão aparecendo nas áreas rurais periféricas das cidades, principalmente para abastecer os mercados locais. Mas aqui também permanecem desafios ligados à necessidade de capital para tais empreendimentos, geralmente além da capacidade da maioria dos migrantes pobres. No futuro, o custo de oportunidade na agricultura urbana poderá cair, com a melhora das ligações rodoviárias: então alimentos de maior valor poderão ser produzidos nas comunidades rurais sem necessidade de instalar novos cultivos perto de onde estão os mercados consumidores.

Essa facilitação do acesso já está ficando evidente nas vilas rurais de Guangdong, onde a agricultura é crescentemente dominada por cultivos de alto valor comercial – e até mesmo áreas mais remotas já estão conseguindo alcançar mercados bem distantes.

Essa tendência também é favorecida pelo comércio virtual, dinamizando a produção e o comércio de frutas especiais e camarões, por exemplo. Em algumas comunidades abaixo no vale de Chirkhuwa, muitos retornados iniciaram a produção de rudraksha, uma semente altamente lucrativa usada com fins rituais e decorativos na Índia e na China, usando a internet para a comercialização.

Porém, para que a agricultura periurbana possa florescer, é preciso que políticas públicas de apoio aos migrantes rural-urbanos estejam prontas, especialmente oferecendo áreas apropriadas, regulamentação dos arrendamentos e treinamento adequado, além de recursos para assegurar que os investimentos sejam economicamente sustentáveis.

Outras oportunidades, como o desenvolvimento de cooperativas e grupos de investimentos, que oferecem aos migrantes a possibilidade de obter economia de escala, também podem contribuir para trazer soluções nos anos vindouros.

Fraser Sugden

Senior Lecturer in Human Geography
University of Birmingham, Reino Unido
F.Sugden@bham.ac.uk

Chen Fengbo

Associate Professor of Agricultural Economics
South China Agricultural University, Guangzhou, China

- Para maiores informações visite o site da rede MARIS (Migration, Agriculture and Resilience: Initiative for Sustainability).

Kenema, Serra Leoa

Cultivando jovens agricultores

Kabba Santigie Bangura

Solomon Gbanie

Kenneth D. Lynch

Serra Leoa passou por uma guerra civil devastadora entre 1991 e 2002 e por um surto do vírus ebola em 2014 e 2015. Durante a guerra muitas pessoas, inclusive jovens, fugiram do conflito dirigindo-se para as cidades em busca de proteção. Hoje o país está experimentando uma recuperação econômica e demográfica pós-conflito e pós-epidemia, demonstrando uma recuperação econômica e uma estabilidade política que se refletem na melhoria dos indicadores de desenvolvimento humano. Esses indicadores incluem o acesso à educação, que aumentou 115% em 2016, e a expectativa de vida ao nascer, que aumentou de 35 anos, durante a guerra civil, para 51 anos, em 2016 (Banco Mundial, 2018). A população alcança atualmente 7 milhões de pessoas, segundo o censo de 2015 (dois milhões a mais do que em 2004), sendo que 80% têm menos de 35 anos de idade e 41% menos do que 15 (Statistics Sierra Leone, 2017). Porém consideráveis desafios continuam presentes.

Em Kenema (segunda cidade mais populosa de Serra Leoa e a maior concentração humana a leste do país) essa situação é menos grave, mas não menos aguda. Kenema era um alvo estratégico crucial durante a guerra civil, com a milícia local (conhecida como “Kamajors”) resistindo às incursões das forças rebeldes durante a maior parte da duração do conflito, ocasionalmente com apoio das forças de paz. Tornou-se um enclave relativamente mais pacífico importante durante esse conturbando período, atraindo muitos refugiados e pessoas deslocadas internamente que fugiam da violência.

Durante a epidemia de ebola, o Hospital de Kenema estava na linha de frente da luta para vencer a doença, já que a cidade é uma das mais próximas do epicentro inicial do surto. Por que o Hospital tinha instalações para tratar os pacientes, tornou-se um foco para a resposta internacional à epidemia.

Serra Leoa realizou seu quarto censo em 2015, e Kenema registrou uma população de 609 mil pessoas, das quais 17% são nascidas em outras regiões e migraram para a cidade, e 77% têm menos de 35 anos de idade. Essas estatísticas destacam a presença significativa de migrantes internos e jovens na cidade (Statistics Sierra Leone, 2017).

Kenema está se recuperando, crescendo e se desenvolvendo rapidamente.

Em Kenema, como em toda Serra Leoa, os jovens representam ao mesmo tempo um desafio e uma oportunidade para o desenvolvimento da cidade e do país (Restless Development Sierra Leone, 2012). O desafio reside no fato de que muitos jovens cresceram durante a guerra civil ou no período imediatamente após o conflito, resultando em efeitos adversos na infância e na sua educação.

A oportunidade é inerente ao fato de que eles são membros fundamentais da população econômica, social e sexualmente ativa e, portanto, importantes para o futuro desenvolvimento do país e a reprodução da população. Com mais de 100 grupos de jovens ativos em iniciativas de agricultura urbana no município de Kenema, a Comissão Nacional de Juventude (National Youth Commission – NAYCOM) estabeleceu uma base de dados dessas organizações.

A NAYCOM envolve os jovens por meio de programas radiofônicos, contatando os jovens nas ruas e em encontros públicos de modo a sensibilizá-los, treiná-los e mobilizá-los.



Três jovens regam seus lotes na periferia de Kenema. Foto: Kenneth Lynch

A NAYCOM observa que os jovens urbanos estão presos à dificuldade crescente para encontrar emprego na cidade. Essa barreira afeta diversas categorias de jovens, especialmente aqueles que estão desesperançados, sentindo-se inúteis para a sociedade.

Como uma instituição vinculada ao Ministério da Juventude, a NAYCOM trabalha com jovens, objetivando reorientá-los para a agricultura urbana como forma de geração de renda e de segurança alimentar, para substituir comportamentos antissociais e criminais (p.ex., vício em drogas, violência urbana, crime organizado), por meio do trabalho, articulando e aproveitando o seu potencial para o desenvolvimento individual, comunitário e urbano (Sama, comunicação pessoal, 2017).

A seguir, trechos de entrevistas com três jovens agricultores urbanos:

Respondente 1

“Não tenho nenhum treinamento formal em práticas agrícolas. O que eu tenho são habilidades básicas que adquiri nos trabalhos que fazia, cultivando arroz junto com algumas hortaliças no sítio de meu pai. Eu também era negociante. Perdi meu marido em 1996 durante um ataque rebelde em Kailahun e me mudei para Kenema. As circunstâncias me levaram à agricultura urbana em 1996. Não havia mais outra opção para mim e para meus dois filhos, por isso comecei a cultivar hortaliças num terreno muito úmido perto de minha casa. Planto hortaliças durante todo o ano e arroz na época chuvosa para me sustentar e às crianças. Agradeço muito ao proprietário da área que me permitiu trabalhar em seu terreno por um valor anual muito pequeno. Das hortaliças que cultivo, 80% eu vendo no local ou no mercado perto. Geralmente faturó cerca de US\$ 17 por mês, entre novembro e maio de cada ano. A renda dos plantios uso para ajudar as crianças a irem à escola e atender às necessidades pessoais e familiares (alimentação, vestuário, habitação etc.). O arroz que cultivo é usado, embora não suficiente, no consumo diário.

A agricultura urbana é muito importante para mim por que eu não sou educada nem tenho habilidades para conseguir algum emprego. Mesmo que eu tivesse mais habilitação, o desemprego continuaria me ameaçando. Eu preciso de apoio para aumentar a produção de alimentos, faturar mais dinheiro e tornar meu trabalho na agricultura urbana muito mais benéfico para mim”.

Respondente 2

“Aprendi a trabalhar na terra em minha vila, Sorogbema Chiefdom, no distrito de Pujehun. Nos anos de guerra, meu marido foi capturado e tornou-se um guerrilheiro “Kamajor”, a milícia local. Ele nunca retornou desde o dia em que foi levado, e eu migrei para Kenema quatro meses depois, em 1996. A princípio, eu parei de trabalhar com as plantas em minha nova região até receber, como “deslocada interna”, mais treinamento em agricultura no Instituto de Treinamento Rural em Kenema. Depois, tornei-me agricultora de tempo integral, trabalhando sozinha durante a guerra. Além dos treinamentos que recebi no Instituto, não tive chance de frequentar escolas. Em Kenema, aluguei um quarto a um homem que possui uma área alagada onde passei a trabalhar com a condição de dividir com ele a renda gerada pelo trabalho que faço. Desenvolvi um forte interesse em agricultura urbana por que fui encorajada pela renda que gerava – que usava para sustentar-me, pagar pela moradia e pela área cultivada, comprar remédios e atender a outras necessidades de uma família criada apenas pela mãe”.

Respondente 3

“Durante o auge da guerra civil, em 1998, meus pais foram mortos enquanto que meu irmão e minhas duas irmãs mais velhas foram obrigados a se unirem aos rebeldes que nos atacaram no distrito de Bo. Minhas irmãs tornaram-se escravas sexuais dos comandantes rebeldes no ataque à nossa cidade. Em 1999 eu perdi meu irmão e minhas duas irmãs e semanas depois tornei-me um combatente perigoso para vingar a perda dos membros de minha família.

Participei do ataque a Kenema em 2000 e fui capturado por soldados do grupo ECOMOG [Economic Community of West African States Monitoring Group] que ocupavam a cidade quando fui lá espionar suas posições para um futuro ataque. Eu dei a impressão de que estava fugindo dos rebeldes que tinham matado minha família.

Fui então enviado, sob vigilância, para o campo para pessoas desalojadas em Kenema. Como jovem combatente, estava exposto às drogas, inclusive à cannabis e a bebidas alcoólicas muito fortes.

“Ao fim da guerra, em 2002, decidi permanecer em Kenema, mas vivia com dificuldade, sem emprego, sem capacitação exceto o treinamento em agricultura que recebi no campo. Comecei a encontrar meios mais rápidos para ganhar dinheiro na cidade, e acabei envolvido no comércio de maconha e furtos, na lavagem de carros e de bicicletas comerciais, e depois virei entregador ciclista comercial. Envolvi-me com a criminalidade urbana e fui procurado pela polícia, e nessa situação eu precisava trabalhar ou não iria sobreviver.

Por iniciativa dos parceiros do programa (Comissão Nacional da Juventude, Divisão Distrital de Agricultura e Conselho Municipal de Kenema), eu fui incluído no treinamento de agricultura urbana e periurbana dirigido a jovens que viviam na cidade. Dediquei-me ao cultivo de hortaliças e arroz como fonte de renda e de alimentos com ajuda de um líder comunitário na comunidade de Samai, que me ajudou com 250 m2 de área alagada, onde eu cultivo arroz duas vezes por ano (na época chuvosa e na seca) e produzo para vender hortaliças folhosas e exóticas, na parte alta do terreno durante a estação chuvosa, e na mais baixa na época seca.

Hoje eu vendo as hortaliças que colho para varejistas da cidade e de mais longe. Alguns vêm de Bo e de Freetown. A renda que gero com minha horta não só é segura, mas também me garante respeito em minha comunidade. Agora eu contribuo para o desenvolvimento de minha comunidade nas áreas da produção e da disponibilidade de alimentos, segurança alimentar e mais saúde. Graças ao meu trabalho como um jovem agricultor urbano, minha dignidade está restaurada e agora eu tenho um futuro”.

Esses testemunhos ilustram a oportunidade que a agricultura urbana oferece às pessoas jovens que não têm maiores qualificações além do que aprenderam com seus pais e praticavam antes que as circunstâncias da guerra as envolvessem. Esses três exemplos foram extraídos de uma pesquisa com 250 jovens agricultores de Kenema.

A associação Fourah Bay College Geographers está conduzindo uma pesquisa em Kenema, reunindo evidências da experiência dos jovens produtores na periferia da cidade.

Um foco central desse trabalho é conhecer a motivação, experiências e desafios com base em trabalhos similares em andamento em Freetown, capital de Serra Leoa (Lynch et al., 2013).

O trabalho está em andamento, mas análises preliminares mostram que os jovens agricultores descreveram-se sendo, predominantemente, carentes de educação escolar, envolvidos com agricultura por falta de perspectiva profissional em outras atividades, e como estratégia de sobrevivência.

Porém uma parcela significativa deles também declarou suas visões de que a produção de alimentos é muito importante para empoderar os jovens, aliviar a pobreza, e é uma fonte acessível de boa nutrição e um modo produtivo de reciclagem dos resíduos urbanos.

Os resultados preliminares dessa pesquisa apontam que maior compreensão sobre os desafios que os jovens enfrentam nas cidades que sobreviveram a guerras e a outros desastres humanitários, e demonstram o potencial da agricultura urbana para oferecer oportunidades e meios de vida para a população. Este trabalho foi iniciado pela NAYCOM, e contou com a participação decisiva das autoridades municipais e dos ministérios da Agricultura e da Educação.

Kabba Santigie Bangura e Solomon Gbanie

Fourah Bay College, Freetown, Serra Leoa

Kenneth D. Lynch

University of Gloucestershire, Cheltenham, Reino Unido

klynch@glos.ac.uk

Referências

- Chipika, S. (2012). Review of the Sierra Leone National Youth Policy: First Draft.
- Forson, A.M.M. & Yalaancy, A. (2017) Sierra Leone 2015 Population and Housing Census; Thematic Report on Children, Adolescents and Youth. Statistics Sierra Leone, Freetown.
- Restless Development Sierra Leone (2012) Young people in Sierra Leone today; Challenges, aspirations, experiences A state of the youth report.
- Lynch, K., Maconachie, R., Binns, T., Tengbe, P. and Bangura, K. (2013) Meeting the urban challenge? Urban agriculture and food security in post-conflict Freetown, Sierra Leone. *Applied Geography*, 36. pp. 31-39.
- Statistics Sierra Leone (2017) Sierra Leone 2015 Population and Housing Census; National Analytical Report. Statistics Sierra Leone, Freetown.
- Sama, S.K. (2017), National Youth Commission (NAYCOM) Kenema city, Kenema District. [Personal communication].

Brasil

“Para poder ser alguém, preciso deixar o campo”

Valorizando a decisão da juventude rural para manter uma produção tradicional

Evelyn R. Nimmo

Alessandra Izabel de Carvalho

Robson Laverdi

André E. B. Lacerda

A produção de erva-mate (um chá amplamente consumido na região meridional da América do Sul) em sistemas agroflorestais tradicionais no sul do Brasil é uma prática com raízes na cultura indígena Guarani que persiste por gerações de pequenos agricultores familiares. Esses sistemas aproveitam as características da erva-mate como uma árvore que se beneficia da cobertura florestal de espécies arbóreas mais altas, muitas delas de espécies em risco de extinção, que lhe fornecem a sombra necessária para o seu desenvolvimento. O uso da estrutura florestal natural levou à preservação de importantes ecossistemas numa região prejudicada pelo desmatamento e pela conversão das áreas agrícolas diversificadas em monoculturas de grande escala. Apesar do importante papel que esses agricultores desempenham nos serviços ecossistêmicos locais, o seu conhecimento da floresta e as práticas agroecológicas que empregam são frequentemente desvalorizados ou ignorados.

Desafios para a juventude

Um dos maiores desafios que essas comunidades enfrentam é dar continuidade aos sistemas produtivos tradicionais. Muitos jovens que cresceram nesses sítios relutam em prosseguir no estilo de vida tradicional, que não é valorizado em suas comunidades nem na sociedade em geral.

Os sistemas agroflorestais tradicionais para produzir erva-mate incluem uma ampla variedade de plantas e animais úteis que aproveitam o ambiente sombreado das florestas de Araucária. Foto: João F.M.M. Nogueira



Em nossa pesquisa atual documentando histórias orais dos produtores e seu conhecimento da floresta, conversamos com vários jovens que explicaram eloquentemente os desafios que precisam superar quando decidem continuar no campo.

Jessica, uma jovem de 26 anos e filha de um agroecologista e erveiro (produtor tradicional de erva-mate), percebeu que, ao longo dos anos em que esteve na escola nos níveis primário e secundário, os professores enfatizavam a necessidade de os estudantes deixarem suas comunidades se quisessem “ser alguém” na sociedade.

Ela afirmou que essa percepção do pequeno agricultor como pobre e mal-sucedido está presente mesmo numa escola rural comunitária como a dela, e os professores sugeriam que o melhor futuro para os estudantes era fazer uma faculdade e migrar para a cidade.

Jessica também enfrenta o desafio de ser uma mulher em meio aos produtores rurais. A expectativa era de que seu irmão Jean continuaria vivendo e trabalhando no sítio, e a escolha de Jessica de também permanecer no campo tornou-se singular entre muitas famílias. Geralmente muitas jovens migram para a cidade, o que resultou numa diferença significativa (chegando a 10% em algumas áreas) no número de rapazes e moças nas áreas rurais. Ao mesmo tempo, um levantamento realizado recentemente pela [Oxfam](#) verificou que são homens os proprietários da imensa maioria dos estabelecimentos rurais no Brasil (87 %), enquanto as mulheres têm proporcionalmente mais chance do que os homens de possuírem áreas com menos de 5 ha.

A escassez de oportunidades sociais para as jovens rurais, bem como a falta de assessoramento e de representação nas organizações locais de agricultores, pode estar contribuindo para isolá-las e ao mesmo tempo desestimular sua intenção em dar continuidade às práticas agrícolas familiares. Considerando o acentuado declínio no número de pequenas e médias propriedades agrícolas familiares, e paralelamente o aumento no número de grandes áreas dedicadas ao agronegócio, encorajar as jovens produtoras a permanecerem praticando a agricultura é uma estratégia importante para fortalecer a resiliência do ambiente rural.

Outro rapaz relatou o seu esforço na decisão de retornar para o campo – um processo crescentemente comum no qual muitos jovens que migraram para a cidade estão voltando para o ambiente rural. Quando concluiu a escola, Thiago, filho de um erveiro, foi para Curitiba, capital do Paraná, onde conseguiu um emprego.

Porém, por causa dos baixos salários iniciais nos empregos oferecidos geralmente nas cidades brasileiras, e também da violência, da habitação precária e da insegurança alimentar, Thiago percebeu que a realidade urbana não oferece, necessariamente, uma vida melhor para os jovens que migram do campo. Na cidade, eles frequentemente enfrentam situações muito difíceis que não ocorrem nos sítios de suas famílias. Desde que retornou, Thiago formou sua própria família e coordena a cooperativa orgânica em sua comunidade, que atende às exigências do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e do Programa Nacional de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA).

Iniciativas e políticas públicas de apoio à juventude rural

A percepção da vida rural e da pequena produção agrícola que prevalece muitas vezes nos contextos urbanos contrasta com a verdadeira contribuição que esses produtores trazem para suas comunidades, e as importantes conexões entre o campo e as cidades que eles promovem.

Por meio do PNAE, por exemplo, os produtores locais trabalham juntos em suas cooperativas para fornecer produtos orgânicos para as escolas públicas de seus municípios. Embora esse programa tenha sido criado na década de 1950, uma mudança na política pública em 2003 passou a exigir que pelo menos 30% dos produtos consumidos provenham de fontes locais e orgânicas, oferecendo novos mercados e opções de produção para as gerações mais jovens.

O PAA também promove as compras de produtos da agricultura familiar para abastecer as instituições públicas locais. Ainda que esse programa tenha alcançado grande sucesso na atração de jovens produtores, ele é suscetível a cortes orçamentários e mudanças nas políticas governamentais, sendo duvidoso o seu futuro.

Outra política implementada para conter a migração da juventude rural para as cidades é o programa financeiro “Nossa primeira terra”, no qual os filhos de agricultores familiares podem solicitar assistência financeira para comprar seu primeiro lote de terra.

No Brasil meridional, o Chimarrão é o modo tradicional de server e beber a erva-mate; suas raízes provêm da cultura indígena Guarani. Foto: João F.M.M. Nogueira



Embora esse programa seja relativamente pouco dotado de recursos, com apenas 3 mil famílias beneficiadas até 2010, ele permitiu a Jessica e a Jean adquirirem uma propriedade em sua comunidade que eles hoje cultivam, dando-lhes não só um senso de orgulho, propósito e realização, mas também a oportunidade para desenvolver um negócio agroecológico bem-sucedido.

A expansão desses programas é essencial para apoiar a continuidade da agricultura familiar de pequena escala diante da ocupação crescente das terras pelo agronegócio de grande escala. No Brasil, as grandes propriedades constituem apenas 0.91 % de todas as estabelecimentos rurais registrados, mas ocupam 45% da área rural total do país – enquanto que os sítios com menos de 10 ha representam 47% de todas as operações agrícolas mas ocupam apenas 2,3% da área total.

Iniciativas locais envolvendo jovens em sindicatos rurais e em outras redes estão sendo desenvolvidas em muitas comunidades onde trabalhamos. Thiago, por exemplo, desempenha um papel ativo na seção local do sindicato de agricultores familiares (FETRAF) e muitos jovens participam de eventos regionais como trocas de sementes, feiras e excursões a comunidades vizinhas.

Embora essas redes sociais sejam essenciais para criar uma identidade compartilhada pelos jovens produtores rurais, Jessica nota certa falta de jovens produtoras participando desses eventos.

Isso deve-se em parte à visão dominante, de que as jovens não são agricultoras, e, como Jessica destacou, ao evidente preconceito no modo como a vida rural é percebida.

Aumentar a consciência e o apoio às conexões rurais-urbanas

O que está ficando evidente em nosso trabalho de documentar e compartilhar conhecimento sobre a produção tradicional de erva-mate no sul do Brasil é que registrar, difundir e valorizar essas práticas é um primeiro passo importante para mudar a maneira como a produção da agricultura familiar de pequena escala é vista em suas próprias comunidades e nas cidades maiores.

Os consumidores de erva-mate, por exemplo, não têm consciência dos benefícios dos sistemas de produção tradicionais, ou da importância cultural e ecológica de sua preservação.

Existe uma clara falta de reconhecimento do papel central que os pequenos produtores desempenham na manutenção da biodiversidade e da água e do ar puros, indispensáveis para sustentabilidade das áreas urbanas e para a resiliência das comunidades diante da mudança climática global.

Um dos objetivos de nosso projeto é reconhecer e divulgar informações sobre o significado desses sistemas agroflorestais tradicionais ao longo de várias escalas, a partir das comunidades nas quais eles são praticados.

Nossa equipe multidisciplinar inclui pesquisadores e servidores de instituições federais, estaduais e municipais, além de pessoas ligadas às comunidades. Estamos iniciando este processo trabalhando com as secretarias municipais de educação para desenvolver recursos pedagógicos visando integrar esse conhecimento e a história local nos currículos escolares.

O objetivo é promover entre os jovens uma maior compreensão da importância de manter as práticas agroflorestais e agroecológicas tradicionais e valorizar as suas contribuições culturais, ecológicas e socioeconômicas.

Evelyn R. Nimmo

Pós-doutoranda da CAPES, Departamento de História,
Universidade Estadual de Ponta Grossa
ernimmo@gmail.com

Alessandra Izabel de Carvalho e Robson Laverdi

Professores, Departamento de História, Universidade
Estadual de Ponta Grossa

André E. B. Lacerda

Cientista pesquisador e Gerente de Estação de Pesquisa,
Embrapa Florestas
andre.biscaia@embrapa.br

Agradecimento

Essa pesquisa foi possível por meio do FLEdGE SSHRC Partnership Grant e do apoio da Embrapa Florestas. Agradecemos a FETRAF, IAPAR e CEDerva pelo apoio nos trabalhos de campo, e às famílias que compartilharam suas histórias conosco.

Ruanda, Tanzânia e Uganda: um futuro para a juventude na agricultura?

Cooperativas agrícolas...

Ingrid Flink
Chloe Vaast
Judith Jacobs
Maya Turolla

Um terço da juventude africana é vítima do desemprego, do subemprego, ou tem renda insignificante e perspectivas profissionais muito limitadas (AfdB, 2016, AGRA, 2015). Ao mesmo tempo, existe uma necessidade urgente para tornar o setor agrícola mais comercial e profissional de modo a aumentar a segurança alimentar e criar empregos para os jovens. Envolver a juventude no setor agrícola pode fornecer uma solução onde todos ganham, e as cooperativas agrícolas podem desempenhar um papel importante no processo. Os jovens podem se beneficiar ao participarem de cooperativas, tendo acesso a oportunidades que não estão disponíveis para eles, individualmente.

As cooperativas também podem se beneficiar – os rapazes e moças sustentam e revitalizam as cooperativas agrícolas formadas por pessoas mais velhas, e introduzem novas ideias e tecnologias.

Porém existe pouco conhecimento sobre como fortalecer as sinergias entre cooperativas e jovens. Um estudo exploratório, realizado pelo Instituto Tropical Real (KIT) e a rede global de Jovens Profissionais pelo Desenvolvimento da Agricultura (Young Professionals for Agricultural Development – YPARD), em parceria com o Centro para Inovações pelo Desenvolvimento de Wageningen (Wageningen Centre for Development Innovation – WCDI), e apoiado pela Plataforma de Conhecimentos em Alimentação e Negócios (Food & Business Knowledge Platform), objetivou contribuir para conhecer melhor a relação entre juventude e cooperativas agrícolas, oferecendo *insights* colhidos diretamente com os jovens em Ruanda, Tanzânia e Uganda.

De volta à terra

Em geral, as pessoas jovens percebem a agricultura como ocupação para pessoas pobres, exigindo muito trabalho físico com pouco retorno; os pais preferem vê-los em empregos burocráticos ou no setor de serviços. Essa percepção negativa leva cada vez mais jovens a se mudarem para as áreas urbanas em busca de educação e emprego.

Porém o desemprego no setor formal está aumentando na maioria dos países africanos (mesmo para as pessoas graduadas). Como eles precisam ganhar a vida, muitos jovens retornam para as regiões rurais de origem por vontade própria, e passam a ver a agricultura como uma oportunidade real de geração de renda e se sentindo atraídos pelo estilo de vida (1).

Ao se voltarem para a agricultura como meio de vida, por necessidade ou oportunidade, os jovens enfrentam sérios desafios, como a falta de conhecimentos agrônômicos ou de acesso à terra e a serviços financeiros.

As cooperativas agrícolas podem desempenhar um papel importante para ajudar os jovens agricultores na superação desses desafios e, ao mesmo tempo, garantir a importância e o futuro das cooperativas no sistema alimentar.

Principais motivos para os jovens se tornarem cooperantes

Durante as conversas com participantes de seis cooperativas agrícolas em Ruanda, Tanzânia e Uganda, o acesso ao conhecimento e a treinamentos foi mencionado como uma razão fundamental para os jovens se inscreverem nelas. A maioria dos jovens enfrenta desafios para receber treinamento, pois geralmente não estão organizados nem participam de cooperativas agrícolas (Guiliani et al., 2016). Os jovens relataram que, nas cooperativas, têm acesso a trocas efetivas e importantes de conhecimento com a geração mais velha e com membros de sua idade. Os jovens produtores podem se influenciar mutuamente como modelos de desempenho (dentro e fora da cooperativa) e se beneficiar com a troca de informações.

Outra motivação muito importante para os jovens ingressarem numa cooperativa é o acesso à terra e a serviços financeiros para se dedicarem à agricultura e criarem oportunidades econômicas.

Porém nenhuma das cooperativas estudadas apresentou qualquer exemplo bem-sucedido de apoio aos jovens para esses fins – apesar do fato de, ao garantir o acesso à terra e a recursos, o envolvimento de novos membros faria aumentar o quadro de cooperados, o volume da produção e a própria sustentabilidade da cooperativa.



Reunião de mulheres jovens participantes da Cooperativa de Laticínios de MVIVAMBO. Foto: Ingrid Flink

Enquanto os jovens não se envolvem em atividades produtivas ou de agregação de valor, eles não são considerados membros muito relevantes para as cooperativas, e por isso não têm acesso a alguns serviços oferecidos pela associação, como o acesso à terra e a serviços financeiros, num círculo vicioso.

De fato, para os jovens poderem participar do setor agrícola, precisam de terra, recursos financeiros e conhecimentos e capacidades. Assim agrava-se o círculo vicioso, pois as expectativas dos jovens agricultores com relação às cooperativas estão diretamente ligadas ao atendimento de suas necessidades e ao acesso aos fatores de produção agrícola.

Dentro de certos limites, algumas cooperativas já encontraram soluções inovadoras para facilitar aos jovens o acesso à terra. Por exemplo, as cooperativas em Burkina Faso convenceram os chefes de aldeias a cederem áreas para jovens mulheres agricultoras em suas comunidades (FAO et al., 2014).

Jovens: benefícios para as cooperativas agrícolas?

Ao se tornarem membros, e aumentarem a capacidade de inovação e empreendedorismo das cooperativas, os jovens podem ser fundamentais para a longevidade e sustentabilidade dessas organizações (FAO et al., 2014; MIJARC et al., 2012; Plechowski, 2014).

Os jovens estão frequentemente mais inclinados a trabalhar com as novas tecnologias, e geralmente têm um nível de educação superior ao dos agricultores mais velhos.

Além disso, o envolvimento dos jovens em cooperativas pode contrabalançar o processo de envelhecimento da população produtiva rural. Porém o mais comum são as cooperativas agrícolas controladas e conduzidas por pessoas mais velhas.

As pessoas mais jovens e, em particular, as mulheres jovens, raramente estão envolvidas no processo de tomada de decisões – muitas delas cruciais para a cooperativa.

As cooperativas que participaram do estudo exploratório não reconheceram – ou só recentemente passaram a reconhecer – a importância e o potencial do engajamento dos jovens para o seu funcionamento e sustentabilidade. Os membros mais velhos nem sempre estão convencidos dos benefícios de atrair e incluir produtores mais jovens, embora na Tanzânia muitos desses estejam sendo aproveitados para funções como a contabilidade do movimento financeiro, por terem um nível educacional mais alto do que os mais velhos.

Um centro de coleta de leite da cooperativa BIACE, em Uganda. Foto: Chloe Vaast



Por outro lado, para complicar, os jovens frequentemente não estão informados suficientemente sobre os benefícios de se tornar membro de uma cooperativa agrícola.

Nas entrevistas, as jovens mulheres enfatizaram a necessidade de encontrar outras agricultoras para terem um senso de pertencimento e uma chance de compartilhar suas experiências.

Todos esses fatores combinam-se para limitar a participação dos jovens nas cooperativas agrícolas.

Recomendações

Um resumo de recomendações para lidar com esses desafios inclui.

Para os formuladores de políticas:

- Identificar soluções para melhorar o acesso à terra (p.ex., regularização das posses, modelos de arrendamento de terrenos).
- Promover o apoio colaborativo entre as cooperativas e as instituições financeiras, viabilizando garantias para empréstimos aos membros mais jovens.

Para as organizações voltadas à promoção do desenvolvimento e as cooperativas agrícolas que promovem o envolvimento de jovens no setor:

- Oferecer treinamento específico para os jovens sobre as boas práticas agrícolas e novas tecnologias, bem como sobre as capacidades “suaves” como liderança, negociação e comercialização.
- Facilitar sistemas que reúnam agricultores mais velhos e mais jovens de modo que todos aprendam uns com os outros.
- Criar grupos de poupança ligados às cooperativas, onde cada membro deposita mensalmente uma quantia que pode então ser emprestada. Essa prática é muito comum em Uganda e fortalece as relações sociais entre os jovens.
- Facilitar reuniões dos jovens com instituições de microfinanças, governo local, bancos etc; para discutir a possibilidade de serem desenvolvidos serviços financeiros mais apropriados.
- Facilitar a criação de conselhos de jovens agricultores para fortalecer sua voz, particularmente em colaboração com autoridades locais e regionais.

Para o setor primário:

- Identificar e/ou criar empregos específicos no sistema de comercialização que sejam atraentes para muitos jovens, como os ligados à informática e a serviços fora da área produtiva.
- Melhorar as relações entre os produtores e empresas, treinando os cooperantes mais jovens e envolvendo mentores capazes de guiar os jovens na prestação de serviços (p.ex., transporte de leite, negócios com insumos).

Para os institutos de pesquisa e acadêmicos:

- Construir uma base de evidências sobre as seguintes questões:

A participação de jovens resulta em um uso maior das tecnologias de informação e comunicação nas cooperativas?

Como podem as várias estruturas organizacionais (p.ex., cooperativas, redes, associações, grupos etc.) contribuir para a inclusão de jovens no setor agrícola?

Quais são as boas práticas e estudos de caso sobre cooperativas que apoiam o acesso de jovens à terra e aos sistemas financeiros?

O relatório completo está disponível aqui:

knowledge4food.net/youth-in-agricultural-cooperatives-atwo-way-street/

Ingrid Flink e Chloe Vaast

Royal Tropical Institute, Netherlands (KIT)

i.flink@kit.nl, c.vaast@kit.nl

Judith Jacobs

Wageningen Centre for Development Innovation (WCID)

judith.jacobs@wur.nl

Maya Turolla

YPARD Netherlands

ypardnetherlands@gmail.com

Referências

- AfDB (2016). Catalyzing youth opportunity across Africa. afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Images/high_5s/Job_youth_Africa_Job_youth_Africa.pdf
- AGRA. (2015). Africa Agriculture Status Report: Youth in Agriculture in Sub-Saharan Africa. Alliance for a Green Revolution in Africa, Nairobi. FAO, IFAD & CTA. (2014). Youth and Agriculture: Key Challenges and Concrete Solutions. FAO, Rome.
- Giuliani, A., Mengel, C., Paisley, C., Perkins, N., Flink, I., Oliveros, I. & Wongtschowski, M. (2016). Youth and Agriculture in the Drylands: Realities, Viewpoints, Aspirations and Challenges of Rural Youth. A study from the Agricultural Dryland Areas of Midelt Province, Morocco. Retrieved from hdl.handle.net/20.500.11766/4948 MIJARC, FAO & IFAD. (2012). Summary of the Findings of the Project Implemented by MIJARC in Collaboration with FAO and IFAD: "Facilitating Access of Rural Youth to Agricultural Activities". FAO, Rome. Retrieved from web page: ypard.net/resources/facilitating-access-rural-youth-agricultural-activities
- Vídeos inspiradores sobre jovens empreendedores agrícolas africanos: agribusinesstv.info/en/

Mais recursos sobre agricultura urbana

Com fome por mais?

Oportunidades do setor privado nos sistemas alimentares urbano-regionais

Esse relatório resume um estudo recente realizado pela Fundação RUAF com apoio da Plataforma de Conhecimentos em Alimentação e Negócios (Food & Business Knowledge Platform – F&BKP) e do Programa-pesquisa em Água, Terra e Ecossistemas (Water, Land and Ecosystems Research Program – WLE/IWMI), do CGIAR, sobre o papel do setor privado na construção de sistemas alimentares urbano-regionais mais sustentáveis e resilientes.

Ele confirma que oportunidades de negócios podem ser encontradas nos serviços alimentares tradicionais (produção, processamento e varejo), e crescentemente na reciclagem de recursos, desenvolvimento de novos produtos e serviços, e inovações tecnológicas. As pequenas e médias empresas parecem ter alto potencial para abastecer os mercados urbanos e regionais, fornecendo alimentos produzidos na cidade e sua periferia, enquanto que, simultaneamente, garantem emprego e inclusão social.

ruaf.org/publications/policy-brief-role-private-sector-city-region-food-systems

Comunidade de Prática – Juventude no agronegócio

AgriProFocus e F&BKP facilitam uma “comunidade de prática” para compartilhar trabalhos recentes envolvendo juventude e sistemas alimentares. Seminários são organizados várias vezes por ano; o último foi chamado “Empoderamento da juventude rural para mitigar a migração internacional?” Se você estiver interessado em participar do próximo, ou se tiver ideias interessantes com seu trabalho envolvendo jovens e alimentação, você gostaria de interagir com essa comunidade? Entre em contato com Rolf Schinkel em rschinkel@agriprofocus.com ou Babs Ates em babs.ates@knowledge4food.net.

FAO Forum: Emprego para jovens na agricultura como uma solução consistente para evitar a fome e a pobreza na África

Em preparação para uma conferência regional, o Fórum Global da FAO sobre Segurança Alimentar e Nutricional promoveu uma discussão *online* com o objetivo de fornecer uma oportunidade para os jovens que estão engajados com a agricultura e o desenvolvimento na África para se expressarem e compartilharem suas experiências.

Reconhecendo que os jovens formam um grupo muito heterogêneo, e que as condições locais precisam ser consideradas cuidadosamente, formou-se um consenso sobre a importância de modelos bem-sucedidos que atraiam os jovens para a agricultura e os encorajem a permanecer no setor. A discussão também enfatizou a necessidade de treinamento apropriado e relevante, de maior troca de conhecimentos e orientação para ajudar os jovens a se prepararem para as oportunidades oferecidas no setor alimentar e no agronegócio. Políticas para facilitar o acesso a crédito, terra e mercados foram identificadas como necessárias para habilitar os jovens empreendedores a considerarem a agricultura como uma profissão viável.

ruaf.org/youth-employment-agriculture-solid-solution-ending-hunger-and-poverty-africa-online-discussion

Capitalizando um potencial pouco aproveitado

Esse texto resume o atual estado da arte com relação ao mercado de trabalho para jovens diante da transformação agrícola na África. Baseia-se nas informações reunidas no Portal de Conhecimento da F&BKP sobre juventude, e cobre a heterogeneidade dos jovens africanos, o potencial que representam, além das intervenções específicas e das políticas abrangentes experimentadas.

Com cerca de 226 milhões de jovens entre 15 e 24 anos de idade, dos quais espantosos 60% estão desempregados, a juventude da África pode ser considerada um potencial não aproveitado.

Atualmente, a agricultura corresponde a 60% do total de empregos na África subsaariana – mesmo assim o continente continua sendo um importante importador de alimentos e produtos relacionados. Isso pode ser explicado principalmente pela baixa produtividade do setor – que vem melhorando, mas ainda está muito abaixo da média mundial.

Claramente a África enfrenta um desafio triplo que precisa ser lidado de uma maneira integrada: aumentar as oportunidades de emprego para os jovens, melhorar a segurança alimentar e transformar o setor agrícola. A juventude africana forma um grupo muito heterogêneo, em termos de localização, educação, emprego e (in)equidade de gênero, inclusão na comunidade e outros fatores sociodemográficos. A maioria dos jovens está pouco capacitada, vive em áreas rurais e encontra trabalho geralmente em pequenas operações produtivas e em empreendimentos mais voltados para a subsistência.

Muitos estudos relatam os obstáculos específicos que os jovens enfrentam quando buscam trabalho na agricultura, e destacam as aspirações para trabalhar no setor, bem como o pouco acesso que eles têm a informação, conhecimentos e educação, à terra e a serviços financeiros, e aos formuladores de políticas que os afetam. A maior parte dessas limitações aplica-se à criação de empregos em geral na agricultura, e não somente para os jovens. Mas o que se destaca é que uma educação melhorada e maior conectividade via internet levaram à elevação das aspirações dos jovens rurais, estimulando-os a procurar trabalho em outros ambientes.

Além das oportunidades oferecidas na aplicação de intervenções de transformação agrícola em geral, é fundamental priorizar um foco na juventude nas intervenções novas ou já existentes.

Uma revisão sistemática das intervenções no mercado de trabalho para os jovens concluiu que os programas mais bem-sucedidos combinam a capacitação em negócios com o maior acesso a serviços financeiros, confirmando a necessidade de políticas mais abrangentes.

Existe um grande potencial para o agroempreendedorismo – além do aumento no número de pequenos sítios produtivos, também estão crescendo atividades como processamento, empacotamento, informatização e outras indústrias e serviços relacionados com a alimentação.

Porém, o empreendedorismo na agricultura pode não ser uma opção para muitos jovens rurais pouco habilitados, a quem falta conhecimento, terra, crédito e mercados. Uma abordagem inclusiva (ou seja, empregos decentes para os jovens) deve focar nos obstáculos adicionais enfrentados pelos jovens marginalizados, oferecendo-lhes programas abrangentes que combinem treinamento e capacitação com educação adicional, aconselhamento e acesso a recursos.

knowledge4food.net/capitalizing-on-untapped-potentialfinding-jobs-for-youth-in-africas-agricultural-transformation/

Programas de incubação de negócios ligados à alimentação

Esse guia de ação para governos municipais, preparado pela Liga Nacional de Cidades (National League of Cities) oferece uma visão geral de programas para incubadoras de negócios alimentares, bem como orientação sobre como os governos locais podem apoiar essas novas estratégias para promover o empreendedorismo e fortalecer os sistemas alimentares locais.

cityspeak.org/2017/02/01/kitchen-and-farm-incubators-support-access-to-localfood-systems/



Foto: Urban Growers Collective Chicago

Que habilidades são necessárias para ter sucesso na agricultura urbana?

O projeto “Treinamento Verde Urbano” (Urban Green Train – UGT) documentou diferentes abordagens e modelos econômicos de agricultura urbana na Europa. A equipe também identificou as oportunidades de aprendizado na agricultura urbana e levantou as necessidades de treinamento junto às várias partes envolvidas. Como resultado, foram desenvolvidos recursos de treinamento para promover o empreendedorismo na agricultura urbana. O material está disponível em inglês, holandês, alemão, italiano, francês e português. www.urbangreentrain.eu/en/?id=Pilot_Course

Como e por quê os serviços alimentares poderiam ser uma alavanca para criar oportunidades de trabalho para a nova geração

Este ano, o tema do encontro Eating City Summer Campus foi “Juventude e trabalho”. Durante dez dias de discussões, oficinas e sessões com especialistas, 29 jovens pesquisaram os complexos desafios que os sistemas alimentares enfrentam. O grupo expressou sua visão sobre as oportunidades de trabalho para os jovens numa declaração conjunta. <http://www.eatingcity.org/summercampus/>

Desenvolvendo líderes para o sistema alimentar: um guia para os fazedores de mudanças

A Rede Jovem Slow Food e as organizações Hivos and Food Hub criaram este guia inspirado pelas atividades co-organizadas no Salão do Gosto – “Salone del Gusto 2016”. As organizações participantes desejam acelerar a transição na direção de um sistema alimentar melhorado, mais transparente e justo, ao mostrar uma série de retratos de pessoas inspiradoras que operam no nível das comunidades em todo o mundo.

As pessoas incluídas estão desenvolvendo ações e organizando atividades para conscientizar e promover pequenas ou grandes mudanças dentro do sistema alimentar. As ferramentas reunidas no guia ajudam os interessados a desenvolverem as suas próprias intervenções, campanhas ou projetos. thefoodhub.org/future-food-leaders-opgelet-guide-is-jou/

Foodathon: Oportunidades de trabalho nos sistemas alimentares urbano-regionais

Entre os dias 30 e 31 de agosto de 2018, a Universidade de Wageningen (WUR) organizou uma “foodathon” denominada “Rumo à Fome Zero: parcerias para impacto” como parte da conferência sobre Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ODS (Sustainable Development Goals – SDG). A foodathon objetivou engajar estudantes e jovens profissionais no ODS 2 – “Fome Zero”, e superar o vazio entre o conhecimento e a prática com relação aos demais Objetivos. O evento durou um total de 36 horas durante as quais os estudantes e jovens profissionais trabalharam em pequenos grupos para criar soluções locais para os desafios globais colocados diante dos sistemas alimentares. A Fundação RUAF e a WUR trabalharam com vários grupos de estudantes nas questões das relações urbano-rurais e das oportunidades de emprego para os jovens.

O desafio era “desenvolver uma estratégia sobre como as pequenas e médias cidades podem usar as ligações entre o campo e a cidade como uma oportunidade para garantir um meio de vida graças a empregos adequados ao longo da cadeia local de abastecimento alimentar que sejam especialmente relevantes para os jovens”.

Um grupo desenvolveu um aplicativo para celular, o YAgriConnect, que liga os jovens horticultores de cooperativas agrícolas aos consumidores e investidores urbanos com ajuda de jovens atuando como promotores de vendas. O grupo “Greenovators Youth4Youth” também propôs uma plataforma digital para a região de Monogoro, Tanzânia. A equipe pretende funcionar como uma agência de emprego, informando os cidadãos urbanos que têm áreas rurais não aproveitadas sobre possíveis oportunidades no setor alimentar. A plataforma seria usada para conectar esses proprietários com os jovens locais desempregados, de modo a reduzir o desemprego juvenil e a insegurança alimentar ao mesmo tempo.

Um terceiro grupo, o Food Accessibility, propôs o Projeto Agricultura Urbana ao longo de um rio em Katmandu, Nepal. Esse projeto objetiva desenvolver uma área sustentável e inclusiva para a produção de alimentos nas margens do rio, focando nos problemas de segurança alimentar, inclusão social, sustentabilidade ambiental e geração de empregos para os jovens na cadeia dos alimentos, especialmente os hortícolas.

Maiores informações e relatórios sobre toda a estratégia planejada estão disponíveis em: foodathon-solutionsmarket.com/

Urban Agriculture Magazine

Youth in Food: Opportunities for education and employment

ISSN 1571-6244

Nº. 35, novembro de 2018

A Revista de Agricultura Urbana é produzida pela Fundação RUAF (Parceria Global para a Agricultura Urbana e Sistemas Alimentares Sustentáveis), com duas edições por ano, disponíveis no site da RUAF: www.ruaf.org

A Revista facilita o compartilhamento de informações sobre agricultura e sistemas alimentares urbanos, promove a análise e o debate sobre questões críticas para o desenvolvimento do setor, e publica “boas práticas” e casos de impacto.

Ela recebe com interesse contribuições sobre novas iniciativas nos níveis individual, comunitário, municipal ou nacional. Uma atenção especial é dirigida para os aspectos técnicos, socioeconômicos, institucionais e de políticas públicas envolvidos na produção sustentável de alimentos nas áreas urbanas e periurbanas, e em seu processamento, distribuição e comercialização. Embora artigos sobre qualquer tema relacionado sejam bem-vindos, e considerados para publicação, cada edição da Revista de Agricultura Urbana foca num tema selecionado (para as edições em português, acesse: ruaf.org/publications/urban-agriculture-magazine-portuguese).

Editores do nº 35

Esse número foi compilado por Femke Hoekstra e René van Veenhuizen, da RUAF, e Alison Blay-Palmer, em parceria da RUAF com o Centro para Sistemas Alimentares Sustentáveis (Centre for Sustainable Food Systems), e Wilfrid Laurier, da Universidade do Canadá.

A organização CTA ajudou a identificar casos na África e no Caribe.

Editora para a língua inglesa

Diane Schaap

Comunicado

Este trabalho foi tornado possível com a ajuda financeira da União Europeia. Porém os conteúdos são de inteira responsabilidade de seus autores e não podem ser vistos, em nenhuma circunstância, como refletindo a posição da CTA, que participou da edição deste número da Revista, ou da União Europeia, de seus estados-membros ou de qualquer outro país. O leitor deve fazer sua própria avaliação sobre a adequação de qualquer informação, argumento, técnica experimental ou método descrito nesta edição.

Design e diagramação

Interface Communicatie, Ede

Assinaturas

info@ruaf.org

Endereço

Urban Agriculture Magazine
Postbus 357, 3830 AK Leusden
The Netherlands
Tel: +31.33.4343003
e-mail: info@ruaf.org
website: www.ruaf.org

Parceiros na rede global RUAF:

- International Water Management Institute (IWMI) (Colombo, Sri Lanka)
- The Institute of Geographical Sciences and Natural Resources Research of the Chinese Academy of Sciences (IGSNRR/CAS) (Beijing, China)
- The Centre for Sustainable Food Systems, Wilfrid Laurier University (Canadá)
- Toronto Food Policy Council (Canadá)

- City of Ghent (Belgium)
- Agência de Promoção Econômica do Município de Quito – CONQUITO (Equador)
- Economia e Sostenibilita (ESTA) (Milão, Itália)
- Mazingira Institute (Nairóbi, Quênia)

A parceria é gerida pela Fundação RUAF, baseada na Holanda.

A Fundação RUAF usa a Licença “Attribution-Noncommercial- Share Alike 3.0 Unported Creative Commons”.

Para maiores detalhes, visite: creativecommons.org

Esta edição foi produzida graças aos recursos fornecidos por:

